

Oferta

-0. NOV. 1998

ANO III N.º 130  
11  
DE NOVEMBRO  
1943  
PREÇO AVULSO  
E S C. 1 \$ 2 0

# CONDENADOS!

VER REPORTAGEM NAS PÁG.-8-9 DAS GRANDES PRISÕES DO MUNDO



BIBLIOTECA  
CENTRO

**VIDA  
MUNDIAL**

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

NOVO RUMO...

MESMO FIM!

ESTA revista aparece hoje completamente transformada. É outro o seu aspecto gráfico; é diferente a sua estrutura. Isto, evidentemente, não acontece por acontecer. Há uma razão — e essa razão é a que vamos dizer aqui aos nossos leitores que nos têm acompanhado desde o princípio.

Quando em 1940 decidimos fazer «Vida Mundial Ilustrada», foi nosso intuito dar ao país, numa iniciativa decerto ousada, uma revista ilustrada diferente de todas as outras que então existiam. Uma revista que documentasse as pessoas e os acontecimentos de maior relevo de uma época, mas que se distinguisse de todas as outras pela sua personalidade, pela cultura com que trataria todos os assuntos, pela profundidade com que abordaria todos os problemas do momento. Uma revista que poderia, embora, interessar todas as camadas sociais, não resvalasse na vulgaridade da publicação tipicamente popular, feita, na maior parte das vezes, através da reportagem indiscreta ou do chiste de mau gosto... Pretendíamos, assim, conservar o nível intelectual de uma publicação — destinada a informar, a esclarecer e a educar por boas maneiras e não a lisonjear, a especular com o gosto sádico de um sector do público acostumado a ver o sensacional apenas no que é escandaloso ou grosseiro... Tivemos, sobretudo, a ideia alta de tornar esta revista, pela palavra escrita e pela imagem, mais do que um reflexo da vida portuguesa — uma projecção da vida mundial.

Mas três anos bastaram para nos convencer de que se a nossa concepção estava certa, não podia ter, no entanto, realização integral tanto nas circunstâncias decorrentes como num meio de insuficiente formação intelectual como o nosso.

As restrições impostas pela guerra entraram, depois, a limitar os nossos propósitos iniciais; na hora inquietada e de febre que passámos a viver, o grande público começou a não se mostrar inclinado, por falta de tempo e até de disposição de espírito, a digerir o que é profundo, a aceitar o que o força a reflectir e a pensar.

Continuou, é certo, a querer saber a ter interesse em estar ao facto de tudo quanto aconteça, mas a pretender, antes de mais nada, que tudo lhe diga numa forma breve, concisa, rápida. Hoje, o tempo para ele conta, numa hora em que o seu espírito está absorvido por uma multiplicidade de preocupações prementes. E foi disto que resultou, afinal, — desta compreensão e desta necessidade — esta nova «Vida Mundial Ilustrada».

Sem perder a cultura da sua feição inicial, esta revista torna-se hoje completamente diferente. É outra — sendo a mesma. É outra pela sua estrutura, numa arrumação gráfica que constitui um cometimento revolucionário no nosso meio, e na nossa imprensa, pela variedade dos seus assuntos, pela forma objectiva como estes são tratados. Torna-se, assim, mais eclética, mais completa, mais uma revista dos tempos em que vivemos — uma autêntica revista 1943...

Isto, evidentemente, com as dificuldades da hora presente, representa um arrôjo não isento de sacrifícios. Mas, além do público com quem julgamos poder contar, visto que lhe passamos a oferecer uma revista como ele agora exige, temos uma confiança segura nos colaboradores efectivos que nos acompanham — e que são, por assim dizer, os arquitectos desta obra, porventura ainda imperfeita, mas sincera. Uns, antigos, das dedicações da primeira hora; outros que vêm agrupar-se, entusiasmados, a nosso lado. Dos primeiros, desde Manuela de Azevedo, chefe de redacção, valor real do nosso jornalismo, de alta compreensão profissional e espírito de superior inteligência, até Luis de Oliveira Guimarães, José Ribeiro dos Santos, Carlos Ferrão, Fernando Fragoso, Sá Pereira, Stuart, Santana, Zeco, Rudy, Manuel Lima e Manuel Martinho, nomes feitos da nossa arte e da nossa imprensa; dos novos, que enfileiram agora neste nosso bom combate que queima, minuto a minuto, os nervos e o cérebro, Rogério de Freitas, artista de superior intuição, até Gentil Marques e Leão Penedo, valores da sua geração afirmados através da sua própria obra no jornalismo e no romance.

São estas, afinal, as nossas razões e são estes os nossos propósitos. Postos em letra de forma, porventura sem brilho mas com sinceridade plena. Resta-nos ver, daqui em diante, o que diz o público. É o nosso outro colaborador. E é dele, afinal, que depende a última palavra. Se este nosso novo esforço não for devidamente compreendido por ele, então só nos restará renunciar — com a desoladora certeza de que nada de novo valerá a pena fazer em Portugal...

100. Candido Faria

É ASSIM QUE SE ESCORREGA NO CHIADO... NUM ANO!

AINDA não está, nem podia estar, publicada a estatística de 1943, no que repelta a casamentos. Todavia, a do ano passado dá-nos este número impressionante de 58.664 enlaços em todo o país, o que representa, sem dúvida, uma bela percentagem, em relação ao total de homens e mulheres em idade possível de contrair matrimónio.

Este ano, a contar pelas estatísticas mensais, o número de casamentos ainda vai ser maior. Fala-se, lamentam-se as dificuldades da vida, que os géneros estão caros, que falta isto, que falta aquilo, mas nada consegue impedir que os apaixonados fechem os olhos e corram, coração aos saltos, para os braços uns dos outros.

Nos dois primeiros anos da guerra, os casamentos diminuíram, talvez pelas incertezas do momento. Mas os homens habituam-se a tudo — até à incerteza. Agora, o número de casamentos está a crescer em ritmo acelerado. Diga-se o que se disser, haja ou não haja cabana, o amor continua cego. Cego e sem estômago...



O ARCO DA RUA AUGUSTA LEVOU QUÁSI UM SÉCULO A CONSTRUIR!

POIS é verdade. O Arco da Rua Augusta levou quási um século a construir! E sabem quando começou a construção?... Não sabem?... Foi logo após o horrroso cataclismo de 1755. O plano da nova cidade, feito pelo arquitecto Eugénio dos Santos Carvalho, compreendia a Praça do Comércio e o arco triunfal que devia ficar em frente da estátua equestre do monarca que então reinava: D. José. Mas o plano primordial do Arco foi alterado. Supôs-se que os alicerces não agüentariam o peso dos torreões projectados para o triunfal arco, e recomeçou-se de novo.

E agora: sabem qual é a altura do Arco da Rua Augusta? 33 metros!... Não parece, não é verdade? E as figuras que encimam as colunas e o arco, conhecem-nas?... Apesar de terem passado centenas de vezes por ele, de o conhecerem de vista, talvez nunca tivessem reparado bem nelas: Lá no cimo, há um grupo de três figuras de 6 metros de altura que representam a Glória, coroando o Génio e o Valor, trabalho do escultor francês Victor Calmels. A coroar o feixe de colunas temos ainda: Viriato, Vasco da Gama, Marques de Pombal e D. Nuno Alvares Pereira. Aos lados assentam mais duas figuras que representam o Tejo e o Douro. Estas esculturas são obra portuguesa do artista Vitor Bastos.

Depois destes pequenos pormenores, talvez se compreenda um pouco a razão porque o Arco levou tanto tempo a construir. Mas durante a sua construção, os jornais da época, talvez apressados em ver o belo arco acabado, publicavam, de quando em vez, um pequeno artigo, ou um pequeno eco, relativo à morosidade da sua construção. Um jornal desse tempo, «O Panorama» dizia com uma certa graça:

«O Arco da rua Augusta há-de ser, estamos disso convencidos, um monumento de séculos. Cada geração há-de trazer uma pedra, acrescentar um festão, bordar um lavor, juntar uma estátua, rendilhar uns cinzelados, prolongar entalhamentos, tecer uma nova grinalda».

«Enquanto existir Portugal há-de

estar em via de construção o Arco da Rua Augusta».

Felizmente que a engraçada profecia se não realizou. Um zeloso Intendente das Obras Públicas, considerando tal morosidade vergonhosa, não descansou enquanto a obra não ficou concluída.

Ainda assim, o relógio que faz parte da obra, obedecendo ao pecado de origem, e para não desmentir as tradições preguiçosas da construção, lá está... mas quási sempre parado...

Dai, o conhecido ditado popular aplicado aos relógios que regulam mal: *Esse anda como o relógio da Rua Augusta!*

5 MINUTOS DE INQUERITO... QUE FEZ VOCE DURANTE O ALERTA?

QUANDO a ideia surgiu, pensamos: Ora aí está um inquerito engraçado e a que é pouco difícil de responder. Enganavamo-nos. Cada inquerito tem, parece, sempre uma pergunta a mais por detrás da primeira, e que os inqueritos temem. Apesar de nesta vez não ser assim, cada interpelado olhou-nos com o ar de quem duvidava de que a pergunta fosse «só aquilo», de que não se escondesse qualquer coisa ainda naquela pergunta, à primeira vista inocente... Hesitavam, calavam-se, e só à força de repetir: «Que fez você durante o alerta?», «éless» e «elas» se resolviam a responder. E, agora, que o inquerito está feito, talvez os nossos leitores vejam essas tais coisas que andam sempre por detrás das perguntas inocentes dos inqueritos... Nós não vimos nada...

A nossa primeira vítima foi Assis Esperança, o escritor sempre jovem de «gente de bem». Ele subia o Chiado, nós desciamos. — Que fez durante o alerta?... Assis Esperança sorriu, olhou-nos, sorriu ainda, e... — Olhe, passei pela Avenida, e fiquei com vontade de pedir noobs alertas em noites de luar, não tanto pela irreverência da lua como pelo aspecto novo duma cidade que há muito me fatigou. Lisboa parecia outra...

O Chiado é, de facto, a ladeira li-

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

QUASI todos os dias, recebemos na redacção cartas dos nossos leitores queixando-se de casos que lhes acontecem ou de coisas que não acham lógicas e rogando que, por intermédio da nossa revista, se peçam providências a quem de direito.

É com tal intenção que iniciamos esta secção. Eis uma tribuna que é vossa, leitores. Aqui a têm. Saibam aproveitá-la...

Por que razão, alguns produtos farmacêuticos são vendidos a preços diferentes — conforme as farmácias onde os vendem? Não haverá maneira de remediar, como já se fez para outros produtos — este estado de coisas?...

A. MARTINS — R. Actor Isidro, 35 — Lisboa.

Cada vez mais se faz sentir em Lisboa a falta de leite. Quantas mães de família se apoquentam como eu, percorrendo leitarias e leitarias à procura desse produto tão necessário à alimentação?

Que se saiba ainda não acabaram as vacas em Portugal...

LUIZA TEIXEIRA DA SILVA — Travessa da Pena, 1, 1.º — Lisboa.

Por que não se põem na Estação do Rossio, como existem lá fora, aparelhos automáticos para a venda de bilhetes de gare? Evitar-se-iam assim essas intermináveis bichas que nos fazem perder tempo e muitas vezes a chegada do comboio...

MARIO MATOS — Praça dos Restauradores, 43, 3.º — Lisboa.

Só os jornalistas, empregados nos jornais diários, têm direito a ser considerados pelo Sindicato: jornalistas. Por quê? Então todos aqueles trabalhadores dos jornais semanais, assalariados, não têm direito também a essa denominação e à sua Carteira profissional? Por quê?...

R. VILHENA — R. S. Nicolau, 102, 4.º — Lisboa.

Acontece, às vezes, que um honrado cidadão encontra uma carteira, uma pasta com dinheiro, um anel ou um brinco de valor, e vai entregá-lo ao seu dono e recebe, muitas vezes, quási como esmola, uns miseros escudos. Não seria normal que a policia fixasse uma percentagem obrigatória para aquele que de livre vontade entrega um achado?

L. NASCIMENTO — Av. Visconde Valmor, 39, 2.º — Lisboa.

MIUDOS DA NOSSA CIDADE



MIUDOS da nossa cidade! Crianças pobres e ricas, que nasceram para as Avenidas Novas, para Campo de Ourique ou para Alcântara. Nasceram todos iguais, mas a vida não os quer assim. Cada um terá a sua rota diferente. Uns para cima, outros para baixo; uns felizes, outros infelizes, uns ricos, outros pobres. Só quando a expressão é de alegria ou de tristeza, eles se confundem, e são iguais como quando nasceram. Miúdos da nossa cidade! Crianças ricas e pobres da nossa cidade...

— Costurava, pronto... Uma coisa que você, com certeza, não sabe fazer... — Não insistimos, e achamos razão a Herminia.

António da Costa, o pintor moderno, um dos «fauxes» portugueses, teve aquela mesma hesitação de quási todos. Olhou-nos, olhou-nos, procurou na memória, e, de repente, como se gritasse «Eureka!», exclamou: — No cinema! Pronto, isso mesmo, passei-o no cinema...

É desceu a rua com a expressão de quem se pergunta: «mas que diabo de inquerito... que têm eles com isso?...».

Castro Soromenho, o escritor de «Noite de Angústias», o escritor dos prémios coloniais, respondeu sem hesitar: — O alerta?... Não dei por ele... não ouvi... A que horas foi?...

Não respondemos a Castro Soromenho, e ficámos a pensar que ele se deita muito cedo. Foi a única razão que vimos...

Gostariamos de continuar este inquerito, mas... olhamos o relógio e... já passaram os cinco minutos de inquerito... Acabou-se... até ao próximo.

REPÓRTER 3



## O MARECHAL FICOU EM LONDRES

O marechal Smuts é uma das figuras mais preponderantes da Comunidade britânica: pela sua idade, pela sua experiência, pelo seu prestígio. Já na outra guerra, o «leader» mais pró-britânico da União Sul-Africana conseguiu vencer todas as tendências anti-britânicas e levar o seu país a uma colaboração tão activa como valiosa. E já então o gabinete de guerra de Londres lhe reservava lugar nos seus conselhos.

O que se passou há vinte e cinco anos passou-se agora também. Foi Smuts — já então honrado com o título de marechal — quem anunciou em Londres, em nome do Império Britânico, que as Nações Unidas tinham pôsto termo à fase defensiva e iam passar à ofensiva. Dois dias depois, Montgomery ordenava aos artilheiros do 8.º Exército que rompessem a sua famosa barreira de fogo que fez abrir o caminho do deserto, desde El-Alamein até ao aprisionamento dos generais von Arnim e Messer, que comandaram os últimos focos de resistência do Eixo no extremo tunisino da península do Cabo Bon.

A palavra de Smuts teve a sua confirmação nos factos. E o marechal, depois de uma breve inspecção às forças do deserto, regressou a Pretória, onde não lhe faltaram razões para faltar confiadamente uma consulta ao eleitorado, que resultou virtualmente na consagração da sua política. Agora, Smuts está de novo em Londres, onde, depois de algumas conferências e afirmações, fez saber que se demoraria mais algum tempo, pois que a rápida evolução política e militar dos acontecimentos poderia reclamar a sua presença. Se a evolução militar está à vista de quem ler os comunicados e acompanhar com a consulta ao mapa a sua interpretação, da evolução dos acontecimentos políticos era ainda então difícil

formar uma ideia tão precisa, porque tudo estava evidentemente na dependência das negociações que se desenvolveram em Moscovo e a que, já então, ainda antes do seu termo, Roosevelt se referira publicamente ao anunciar o seu êxito tremendo.

O comunicado que se divulgou no encerramento da reunião das três potências pode ser apreciado tanto pelo que diz como pelo que deixa de dizer. Em boa verdade, não se escondeu que houve pontos de desacórdio, nem que se deixaram para mais tarde outros importantes, mas foi possível assentar-se desde já em concepções fundamentais, cuja significação, não pode escapar a qualquer observador. Na verdade, entre as conclusões, por assim dizer, puramente de princípio e os factos de que desde já se dá um enunciado concreto, há uma correlação evidente a que não pode furtar-se a compreensão de que tudo quanto se passou e disse nos salões da conferência foi influenciado pelo ítimo das operações em cada um dos teatros de guerra. O pormenor que diz respeito à punição dos que venham a considerar-se «criminosos de guerra» deve ter-se por típico neste aspecto.

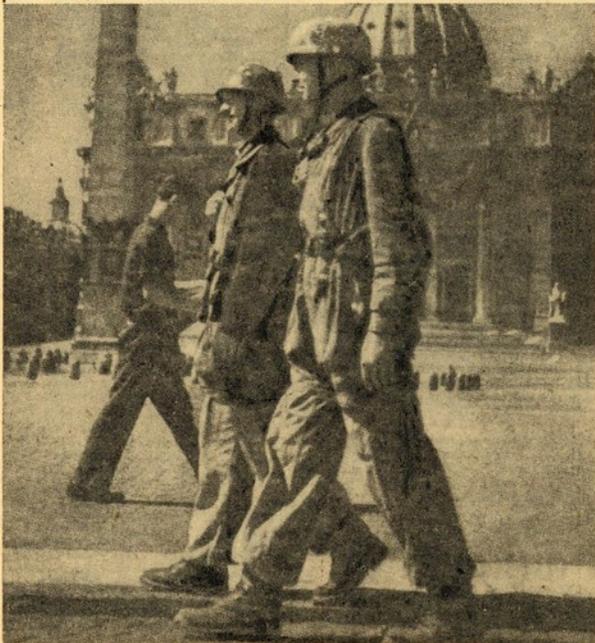
Que vai passar-se? Os dirigentes das três grandes potências coligadas não estarão, a estas horas, longe de o saber. Depois do comunicado de Moscovo, que mais há a esperar? Outro comunicado? Ou declarações dos governos interessados tendentes a esclarecer o que pode ser apenas um enunciado vago? É possível que, para além desses termos lacónicos, cada um dos três governos tenha que dizer mais alguma coisa — a sua interpretação, a quota que lhe cabe no ajustamento indispensável. Por isso — talvez por isso... — o marechal ficou em Londres...

J. R. S.

## ITALIA

### ROMA SOB O SIGNO DA GUERRA

A Cidade Eterna, a Meca do catolicismo moderno, continua a figurar em telegramas de primeira página de jornais — umas vezes porque a voz do Papa ou algum seu representante se ergue numa prece de paz — outras vezes porque a estratégia de guerra ou a política jogam interesses sobre este canto do tabuleiro mundial. Mais uma vez, diz-se que Roma voltará a ser cidade aberta. Entretanto, como motivo de controvérsia, diz-se e desdiz-se que o Papa está prisioneiro — voluntário ou não — das forças ocupantes. De qualquer forma, a vigilância exerce-se e as patrulhas rondam a Cidade do Vaticano. Voaram as bombas da paz, sabe Deus para que nicho inseguro e, agora, como um espectro trágico, ronda a guerra onde tudo era mansidão e amor...



## BULGARIA

### O REI MAIS NOVO DO MUNDO FALA 4 LINGUAS!



Simeão II, rei da Bulgária, e sua irmã, a princesa Luísa Maria.

**T**EM seis anos apenas e é já rei da Bulgária. Chama-se Simeão. Uma cara viva, onde brilham dois olhos inteligentes. A sua maior paixão é a mecânica. Mal lhe oferecem um brinquedo, o pequeno Simeão II desmancha-o para ver se é capaz de o reconstruir.

Fala à vontade quatro línguas: o francês, o inglês, o búlgaro e

alemão. Está, portanto, preparado para sustentar conversações por qualquer parte por onde passe.

Mas, sobretudo, ele gosta de brincar. Aliás um gosto comum a todos os jovens reis.

Simeão II é agora o mais novo monarca do mundo. Antes dele, a primazia pertencia ao soberano do Irak, Faical Alliah, nascido em 1935.

Conta-se que o pequeno rei Simeão é filho dum romance de amor. De facto, seus pais casaram em circunstâncias extraordinárias. O rei Boris vivia no hotel «Baur au lac», nas margens do lago de Zurich, com o nome suposto de conde Rilski. Um dia, conheceu uma encantadora vizinha de quarto, a princesa Joana de Savoia. O idílio nasceu entre eles. E um ano depois, em Assise, na Itália, o rei Boris uniu os seus destinos à mulher que tão depressa e tão completamente lhe dominara o coração.

Hoje, os búlgaros podem-se rever no reflexo desse grande amor: Simeão II, um reizinho de seis anos que adora a mecânica e que fala quatro línguas.

## INGLATERRA

### FORAM LANÇADAS AO MAR AS CINZAS DO ALMIRANTE POUND E DE SUA ESPOSA

**O**S jornais noticiaram, há dias, a morte do almirante «sir» Dudley Pound, uma figura notável da marinha de guerra inglesa. Mas, o que não se pormenorizou foi o cerimonial de que se revestiu o funeral do grande inspirador das vitórias actuais no Atlântico. «Sir» Dudley Pound pedira que as suas cinzas fossem lançadas ao mar, juntamente com as de sua esposa, falecida dois meses antes. E a marinha de guerra que ele serviu — cumpriu a sua vontade. Perto de Portsmouth, o comandante de um cruzador britânico lançou ao mar duas urnas de bronze, logo seguidas de mãos-cheias de flores. Depois de flutuarem, durante alguns minutos, sobre as ondas revoltas — as duas urnas desapareceram no seio da Mancha.

Pela primeira vez, na história da Marinha de guerra, as cinzas de um almirante, juntamente com as de sua esposa, eram lançadas da torre de um navio de guerra. As sereias do navio silvaram lígubrememente, enquanto a bandeira do almirante era içada a meia haste e as urnas eram transportadas para bordo e cobertas com o pavilhão inglês. A velha canção «Rule, Britânia» rolou mansamente sobre as ondas. Outra canção, ainda, da tradição dos marinheiros britânicos — e o navio fez-se ao largo. Sobre o convés, apenas quatro sentinelas. Mais silêncio. O navio parou, o capelão murmurou um «entregamos as cinzas destes Teus servidores ao mar» — e o capitão lançou à água as duas pequenas urnas. Depois, foi uma chuva

da marinha dos Estados Unidos, militares e amigos, do almirantado e de flores: última homenagem de fa- Três salvas soaram e, depois, as trombetas da infantaria de marinha tocaram o «Último Repouso» e «Reveilles».

Pela tarde, vagarosamente, o cruzador regressou a Portsmouth...

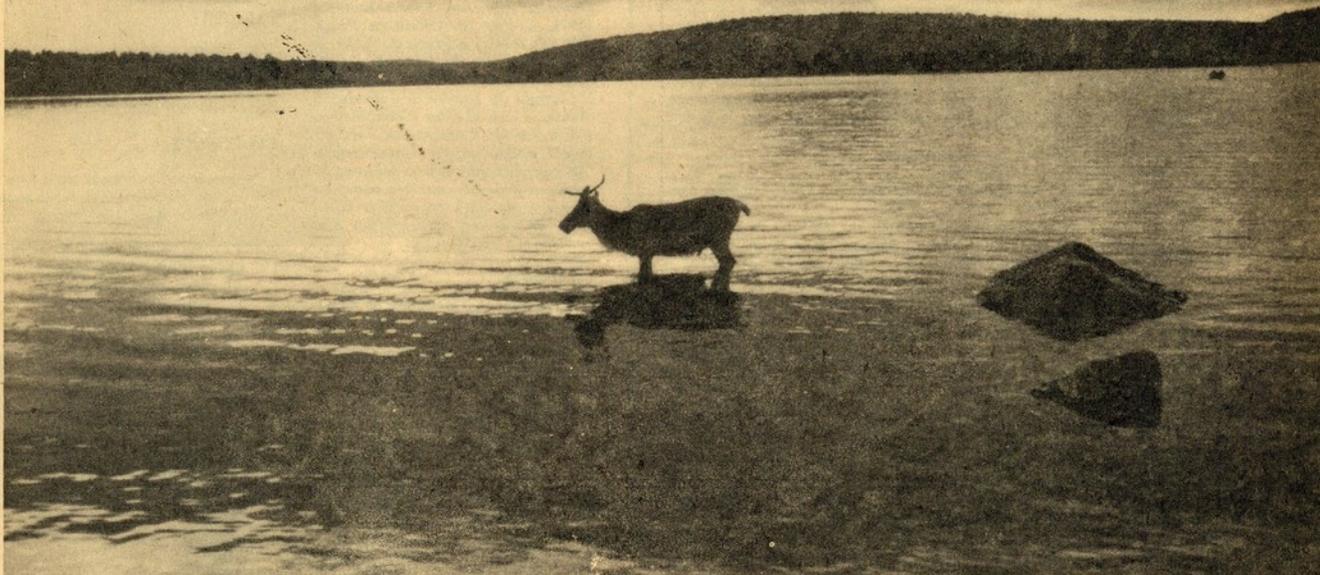
## SIÃO

### UMA CIDADE FEITA DE BARRO

**Q**UEM viaje pelo vasto deserto salino do Irá Central, encontrará a curiosa cidade de Jezd, onde as casas, os móveis, as camas, os colchões, as cadeiras, as mesas, a louça, os brinquedos e os utensílios são feitos de barro.

Para qualquer parte para onde o viajante olha, encontra esse panorama do barro. Em tudo. Até as crianças gulosas se entretêm com uns doces que são feitos de barro...

Jezd — deve ser, é com certeza, uma das cidades mais originais do mundo. Pelo menos, é a única que se pode orgulhar dessa característica extraordinária: uma cidade feita de barro!



## AINDA HA PAZ NA GUERRA...

**A** PESAR das bombas «arraza-quarteirões», dos «tanks» e dos quadrimotores lançarem a todo o passo a morte e a confusão, a Terra continua e continuará a fazer pacatamente o seu movimentozinho de rotação e o sol tódas as manhãs aparecerá a espreitar por entre as corcovas do horizonte.

O homem pode ser o lobo do homem, pode espalhar o terror e a morte, mas jamais conseguirá impedir que as flores tenham seiva e cresçam, nem que as águas dos lagos percam o brilho ou que as dóceis renas os atravessem, chapinhando aqui, chapinhando acolá.

A poucos quilómetros d'êste calmo lago — um dos seiscentos mil lagos da Finlândia — ouve-se, berrante contraste, o troar do canhão e os homens tombam e agonizam apesar do costumeiro «nada de novo a assinalar» dos comunicados diários.

Respira paz — uma paz doce e tranqüila — esta paisagem finlandesa. O próprio povo, uns escassos quatro milhões de habitantes, apenas sonha com êsse dia feliz mas ainda tão nebuloso, em que deitará fora a espingarda para a tro-

car pela cana de pesca ou pelo arado.

Como nação independente, a Finlândia começou a sua existência a partir de 6 de Dezembro de 1917, quando da revolução russa. Todavia, desde 1323 que o seu território tem sofrido constantes e

sangrentas mutilações. Da paz de Schlussembourg, entre a Rússia e a Suécia, até à de Moscovo, em 1940, muitas foram as provações passadas. Hoje, se bem que metida numa guerra de coligação, a Finlândia faz apenas a sua guerra, sem ajuda de vizinhos, abstraindo

sempre as suas tropas dispostas ao norte do país para defender Petsamo e impedir que os combóios aliados alcancem Mourmansk.

A máxima é velha mas sempre actual: «é mais fácil entrar numa guerra do que dela sair». Agora, que tanto se fala em «paz separada», corre nos círculos bem informados do estrangeiro, que a Finlândia gostaria de se pôr à margem do conflito se conseguisse obter uma porta aberta por onde pudesse sair, mas sair honrosamente. Para isso bastaria que as grandes potências, ao estudarem os problemas da paz, não esquecessem que a Finlândia foi o primeiro país a sossobrar pela causa das Nações Unidas, e que o seu povo é tão amante da liberdade e da independência como o podem ser o povo americano ou inglês, cujas instituições políticas são análogas às da Finlândia.

Abra-se ou não esta porta, o canhão pode troar ininterruptamente, mas enquanto houver um lago, um pôr de sol e uma rena há paz na Finlândia — há paz nesta guerra...

### CHILE

## VAI MUDAR-SE O CALENDÁRIO?

**A** PESAR dos clamores da guerra, os homens continuam a pensar em melhorar o futuro. Assim, no Chile, movimentou-se de novo a questão da necessária substituição do calendário gregoriano por um outro mais racional e mais lógico.

A questão já fôra levantada pelo governo chileno há três ou quatro anos, e o projecto duma reforma do calendário seguiu para a Comissão Consultiva das Comunicações e Trânsito da Sociedade das Nações.

Em princípio, esse projecto divide o ano em trimestres iguais. Por sua vez, cada trimestre contém três meses, num total de treze semanas ou setenta e nove dias. Portanto, o calendário torna-se «perpétuo».

Em pormenor, cada trimestre começa num domingo e acaba num sábado. E enquanto o primeiro mês do trimestre possui trinta e um dias, os dois restantes terão trinta dias cada um.

Contudo, para que o calendário

possa ficar verdadeiramente «perpétuo» — é necessário que o 365.º dia do ano, o último dia, seja considerado um dia intermediário entre 30 de Dezembro e 1 de Janeiro.

Da mesma maneira, nos anos bissextos, o 366.º dia fica intercalado entre 30 de Junho e 1 de Julho, considerando-se, consequentemente, um dia suplementar.

É certo que qualquer d'êstes dias deve ser tomado como feriado internacional. E, ainda conforme o mesmo projecto, o dia primeiro de Janeiro de cada ano calha sempre a um domingo.

Mas aqui surge, precisamente, uma enorme dificuldade prática: agora, só em 1950 teremos o dia primeiro de Janeiro num domingo. Esperar-se-á por 1950 para a reforma tão falada do calendário?

Talvez. Mas daqui até lá, devem surgir, decerto, muitas outras reformas...

## O PÉ DA LUIZINHA

**L**EMBREI-ME, há dias, perante uma pequena tragédia a que assisti, duma página de Eça de Queiroz em que ele nos descreve certo serão doce e familiar. Em torno duma mesa algumas senhoras costuravam. Três ou quatro homens dispersos pelas cadeiras e pelo divã fumavam, numa indolência tépida. Era em Maio. Do jardim, pelas janelas largas, vinha, com um murmurar de fontes, um aroma de rosas. A certa altura, um criado entrou com um jornal — que uma das pessoas presentes começou a ler. Só noticiava catástrofes — terremotos, incêndios, devastações, guerras. Dir-se-ia que a violência da natureza se aliara à cólera dos homens. De quando em quando, uma das senhoras murmurava: «Que desgraça!», mas as agulhas continuavam picando os estofos leves e o fumo dos cigarros continuava rolando na luz doirada. Em dado momento a pessoa que estava lendo aquele jornal tão abundante em universais calamidades — virou a página, pousou os olhos, aqui e além, e, de repente, soltou um grito, levou as mãos à cabeça:

— Que horror!

Todos se ergueram num sobressalto:

— O que foi? — preguntaram.

— Foi a Luizinha Carneiro, da Bela-Vista... Esta manhã! Torceu um pé...

Então, como movida por uma mola, a sala inteira ergueu-se, num tumulto de surpresa e de dor; as senhoras esqueceram a costura; os homens esqueceram os charutos; e todos, precipitados sobre o jornal, leram e releeram aquela lastimosa notícia. A Luizinha Carneiro, a pobre Luizinha Carneiro torcera um pé! E logo lágrimas caíram, pensando naquele drama esmagador. E logo um criado correu, furiosamente, para a Bela-Vista, a buscar notícias, informes, pormenores, — e a desejar melhoras. Guerras, devastações, incêndios, terremotos, tudo desaparecera, tudo era sombra ligeira — ante o pé torcido da Luizinha.

O pé da Luizinha tem já agora o valor dum símbolo. Quantas vezes as grandes tragédias que alastram sobre o mundo, como negras ondas rolantes, nos comovem menos do que certos pequeninos dramas que se passam, à nossa volta, e que não transcendem a simples «fait-divers» duma Luizinha que torceu um pé. Para quantos a catástrofe que, nesta hora, assola o mundo é sentimentalmente esmagada — pelo pé da Luizinha!



**E**M volta duma mesa de «café» estavam, uma tarde destas, várias pessoas — entre elas Gualdino Gomes. Sobre a mesa algumas chávenas acompanhadas por minúsculos açucareiros de vidro pouco maiores que dedais. Nisto, uma das pessoas presentes, antigo professor, pouco em dia com as danças da ortografia, contou que um seu neto, aliás de classe superior, tinha escrito assucar só com um s...

Imediatamente Gualdino, pondo o seu monóculo esfuziante:

— O rapaz tem razão. É para caber nos assucareiros...



**A**QUILINO Ribeiro usou noutros tempos um vistoso bigode negro. Um belo dia, deitou abaixo o bigode — e apareceu de cara rapada. Pois bem. Aquilino — pelo menos segundo nos informam as agências noticiosas — vai deixar crescer as barbas. A barba tem constituído quasi sempre um atributo dos filósofos. Algumas vezes o tem sido dos romancistas. Aquilino, de barbas, será uma espécie de novo Tolstoi beirão, mas forte e sorridente. Quando Junqueiro surgiu, uma tarde, em Lisboa, ostentando as suas imensas barbas bíblicas, foi um acontecimento. Durante dias não se falou noutra coisa. O próprio ministério se retiniu para tratar do caso. As barbas de Aquilino vão fazer sucesso. Se Aquilino não aparecer uns dias na *Brasileira* ou na *Bertrand* — já sabem — está



metido em casa, não a escrever um novo livro, mas a a deixar espigar as barbas...

**J**OÃO Maria Ferreira, o mais comendador dos nossos poetas, continua sendo profundamente estudado. Agora mesmo um novo livro espreita das livrarias: «Coimbra na obra poética de João Maria Ferreira», de Faicão Machado, valioso subsídio para o estudo da personalidade literária do poeta. Agora outra novidade: um novo jornal vai sair, réplica ao *António Maria*. Chama-se *O João Maria*. O que é ser célebre!



**M**ARIA Matos tem o seu tempo ocupadíssimo. Passa a manhã no Conservatório; as tardes nos ensaios; à noite representa — e nada mais nada menos do que duas sessões. Semem esta esgotante actividade durante meses e pensem que só um organismo muito forte pode resistir incólume. Em Junho, Maria Matos sentiu-se esgotada e foi consultar o médico.

— Estou bastante cansada, dr. Depois apareceu-me uma febrezita. De manhã tenho 36,5, à tarde 37,5...

— Todos os dias? — inquiriu o clínico.

— Todos.

— Pois felicito-a. Vejamos que o seu organismo é regularíssimo!



## NOTA MUNDANA

**A** «Calçada da Glória» ofereceu ontem na sua nova residência, à Rua da Emenda, um animado chá-dançante às suas numerosas relações. As vastas salas encheram-se de tudo quanto há de melhor na Lisboa elegante e intelectual. Entre outras pessoas ilustres lembramos ter visto a Avenida da Liberdade, a Avenida Fontes, a Avenida da República, a Avenida da Índia, a Avenida Almirante Reis, a Rua do Ouro, a Rua Augusta, a Rua da Prata, a Rua da Glória, a Praça Rio de Janeiro, a Praça do Chile, a Praça Marquês de Pombal, a Calçada do Lavra, a Calçada da Bica, a Calçada da Estrela, a Calçada da Ajuda, a Calçada das Necessidades, a Calçada do Combro, etc., etc. O bufete esteve sempre animadíssimo. Ao cair da tarde, entrou inesperadamente o Fala-Só que, em nome da cidade e do país, felicitou a «Calçada da Glória» agradecendo-a com a Ordem... de Marcha.

## FILOSOFIA

Uma pequena brochura de Charles Oulmont acerca de Henri

Bergson faz-nos evocar o velho filósofo. Estamos a vê-lo, tal como Michel Georac — Michel o descreveu, de sobrecasaca preta, as mãos cruzadas, dois olhos que pareciam de faiança, fazendo as suas lições no Colégio de França, perante uma assistência numerosa e interessada. «Le philosophe n'a pas réponse à tout» — Costumava ele dizer perante certas questões que lhe eram postas. Nesta simples frase se contém a mais sábia das filosofias.

## PARAÍSO

Se ensinassem às mulheres, em crianças, que uma mulher que se zanga se torna feia — que tranquila seria talvez a vida!

## ELÉCTRICOS

Segundo nos informam, no interior dos carros eléctricos vai ser fixado o seguinte aviso:

Quem quiser fumar dentro do carro, tem de ir fumar para a plataforma.

## JULIÃO QUINTÃO



Um belo dia, há 56 anos, nasceu em Silves um rochuchudo varão a que foi pôsto o nome de Julião Quintinha. Os tempos passaram; e se é certo que a família não pretendia muito que ele fosse escritor, a verdade é que a literatura e o jornalismo estavam-lhe na massa do sangue, e Julião ou seria homem de letras — ou materia hábito de frade. Acabou por ser homem de letras, hábito afinal muito mais grave que o de frade. Desde os seus primeiros opúsculos de 1916 à sua obra de novelista e aos seus livros de viagens — contam-se quasi três dezenas de anos de infatigável labor literário. Se o seu espírito está em permanente ebulição, a sua pena está em permanente alvorço. A sua prosa é como ele próprio é: forte, vigorosa, sã, desempenhada. Homem duma só fé e dum só parecer, para é a coerência constitua uma das maiores virtudes. Conhecemo-lo sempre uno e indivisível. Numa coisa, porém, nos oferece o seu vulnerável calcanhar de Aquiles: no nome. De facto, mal se explica que este varão fructulento, magço, couraçado, que oscila, fisicamente, entre um homem do mar e um jogador de «box», se chame, ao de leve, «Quintinha» — quando, em bom rigor, devia chamar-se «Quintão». Julião Quintão é que estava certo. É a única incoerência que lhe conhecemos.



## MISÉRIAS E GRANDEZAS DO SNOBISMO...

**I**STO não são anedotas. São verdades que a História regista e a curiosidade compitua: se não houvesse «snobs» muitas modas não existiriam. É claro que essa fauna que freqüente casinos por onde passou a «estréla» de tal, que veste pelo figurino do príncipe qual e vai às exposições de artistas «exquisas» ou «audace» a música de Ravel mesmo sem a perceber—têm a virtude de animar elementos revolucionários. Foram eles que alimentaram o conceito superior da arte de Wagner e os processos técnicos de Púllita. Foram eles que fizeram, em tanto país, o regresso à seriedade dos templos, de tantas almas que eles próprios tinham deshabitado do convívio religioso. Quasi sempre começam assim: exhibicionismo. Depois é que vem a convicção...

Entretanto, a origem de muitas modas revela a inferioridade do triste género humano. Por exemplo: aqui há anos—vá lá, no século passado...—usaram-se gravatas de três voltas, porque Alexandre Dumas, filho, teve um dia um furúnculo no pescoço. Não podia pôr a gravata. E, vai daí, enrolou um «foulard» de seda ao pescoço, para encobrir a ligadura. Ora, um actor que o visitou e lhe cobijava papel para uma peça, quis lisonjeá-lo como pôde:

—Mas é maravilhoso, esse modelo!... Dumas protestou modestamente, o actor foi-se embora, o furúnculo passou e o escritor esqueceu-se do incidente. Mas, daí a dias, qual não foi o seu espanto: no palco o actor em questão apresentava enrolado ao pescoço, com três voltas, um «foulard» parecido com o de Dumas! Não foi preciso mais nada: daí a pouco não havia bicho careta que não usasse «gravata de três voltas» como se sofresse do furúnculo de Dumas! Foi, talvez, lembrado do incidente que este autor pôs na boca de Margarida Gautier o crítica às senhoras de Paris que passaram a vestir-se de «saco de café», depois que a viram com um vestido de mau gosto idêntico...

Foi também devido ao furúnculo que apareceu no sovaco direito da rainha Mary, que aqui há anos se usou o apêrto de mão com ergulmento do cotovelo quasi à altura do ombro... E o príncipe de Gales, depois de Eduardo VII, que usou o último botão de colête desaperçado por ser muito barrigudo e o alfaiate lhe ter feito o colête apertado—implantou aquela moda que percorreu o mundo e ainda hoje tem adeptos em Lisboa...

Outra moda que veio de Londres, importada pelos «snobs» de todo o mundo: a calça com dobra, em substituição da calça arregaçada contra a lama londrina... E há a moda de usar a luva direita com o fôrro do avesso, porque um dia Napoleão apareceu com ela assim, por causa de um quisto que lhe apareceu no pulso...

Enfim: isto com relação aos homens. Mas as mulheres não começaram a platinar os cabelos porque Jean Harlow fez o mesmo quando lhe apareceu uma doença que lhe atacou os tubos capilares?

Sára Bernhardt não lançou, sem querer, a moda das «écharpes», uma vez que apareceu em cena com dor de garganta? E ainda há bem pouco Ivone Princesps não fez revolução na moda parisiense porque se esqueceu de tirar o aventalinho caseiro com que se apresentou num «cocktail», debaixo da «fôrre»?

No dia seguinte—não fazem idéla: os costureiros de Paris sofriam a avalanche de encomendas de vestidos de avental», como este que damos aqui ao lado!...

# COCKTAIL

## MANIAS DOS GRANDES HOMENS!

**A** mania constitui, de algum modo, uma superstição. E a superstição, não há dúvida, é uma consequência da ignorância. Entretanto, este enunciado, que deveria corresponder à realidade—é, por vezes, um desmentido dos factos. Não fôra assim, e como se justificaria que espiritos cultos e desempoeirados retivessem a tara ancestral de muitas e incoerentes superstições e manias?

Este fenómeno de inferioridade, entretanto, existe e existirá sempre: Júlio César, por exemplo, tinha um medo horrível dos trovões—um medo que só lhe passava, quando cingia a fronte de louros... Tasso tinha alucinações, quando olhava para o lado esquerdo—porque dizia que via o diabo e fenómeno idêntico observava Pascal que evitava olhar para o lado esquerdo, por causa dos precipícios que via... Chopin nunca começava a escrever uma partitura ao sábado «para que tivesse acabamento» e Talleyrand adia para o dia seguinte a assinatura de documentos que lhe entregassem à sexta-feira. Cecil Sorel ainda hoje bate três vezes na mesa, se tem a desgraça de enfiar o pé direito no sapato do lado esquerdo, sendo subtilmente curioso o cuidado com que Bergson procurava deitar no prato três azeitonas, cada vez

que lhe serviam duas... por engano...

Em França, como supomos que em toda a parte, os artistas de teatro são dos mais supersticiosos. Assim, ainda os menos religiosos, fazem-se acompanhar de santos e amuletos, desde que alguém lhes vá levar ao camarim e diga «para que seja feliz»... Do mesmo modo, não começam nunca a ensaiar—em Lisboa acontece o mesmo—às terças-feiras e só Deus sabe quantos cabelos brancos tem feito aos empresários que tentam revogar o parecer!...

Diz-se—e nós não desdizemos!...—que Lloyd George, que ainda há dias deu aos rapazes de 80 anos uma prova desportiva de inexcêvel significação, casando com a sua secretária, tem um azar enorme ao azeite entornado na toalha, sobre a qual manda logo deitar sal!...

Por nós e por aqueles que conhecemos iguais a nós, sem sombra de «lebridade», achamos o cozinhado excêntrico. Mas o leitor, menos sujeito às manias dos grandes homens, que sai de casa e vê uma preta, ou uma marrequinha—diga lá: não fica com a impressão de que o dia vai correr mal?

E se às vezes não leva os dedos à fraida da camisa para inutilizar o malféico—é porque ela está limpa, ou não é preta, como o ritual indica...

## QUAL É O JORNAL MAIS VELHO DO MUNDO?

**D**EPOIS que Guttemberg inventou a imprensa—qual seria a primeira experiência jornalística? Num congresso que se realizou, há muitos anos, em Heidelberg, apresentaram o «fac-simile» do primeiro jornal conhecido, e que é datado de Estrasburgo, em 1609. Parece que o primeiro periódico aparece, realmente, na Holanda, em 1622 e a «Gazeta de França» em 1631.

Todos esses, porém, como a «Gazeta», em Portugal, aparecida com a aclamação de D. João IV e pelo mesmo proibida, por causa «da pouca verdade de muitos e mau estilo de todos»—foram jornais desaparecidos com o tempo. O mais velho periódico, depois do «Morning Post», que apareceu em Londres em 1772, é o «Times» o mais velho jornal da Europa. E dizemos na Europa porque, na China, sem mesmo se servirem de imprensa, já o jornal era velho quando Jesus Cristo apareceu...

## “GINJA” PARA COCKTAIL!...

Eis o «Ginja» para este cocktail: tem 76 anos, chama-se Frederico Cerboni e a árvore que o gerou floresceu em Florença. É sábio, filósofo—e tem uma doutrina a divulgar: guerra aos banhos!

Nós julgávamos que, depois da morte do sr. D. João VI, que foi para o Brasil aprender a tomar banho—nenhum outro senhor da terra ficara por lavar... O mais engraçado é que Cerboni tem saúde de ferro—tem, se não morreu, depois dos últimos acontecimentos de guerra—pelo que os seus conselhos se revestem de uma autoridade indesmentível. E, assim, proclama que nunca se lavou, que a água gera indisposições e rouba a jovialidade...

Um sábio com tamanho horror à água—só se tiver costela de macaco!...

## CUIDADO COM OS CARTEIRISTAS!



Vamos mostrar, pela imagem, como eles actúan: um casaco no braço, estende o cigarro, o carteirista mete-lhe as mãos nos bolsos e esvasia-lhos.—é quanto basta para o carteirista vasculhar a malinha e retirar os seus «interesses»...

—«Dá-me lume, por favor?» En- eles actúan: um casaco no braço, quanto o interpelado, camaradamente, estende o cigarro, o carteirista mete-lhe as mãos nos bolsos e esvasia-lhos. Depois, com um sorriso, des- pede-se: «Obrigado!»...

—«Olha, olha!» E todos olham, de facto, um balão captivo, uma nuvem, um cavalo!... E a mão, leve e rápida, entra na algibeira, procura e retira o porta-moedas—se não tem a sorte de encontrar carteira recheada...

Assim, é mais fácil. Em lugar de um, trabalham dois em conjunto. Enquanto ela prende a atenção da vítima com um sorriso e uma frase de ocasião, o carteirista pode, a vontade, remezear nas algibeiras...

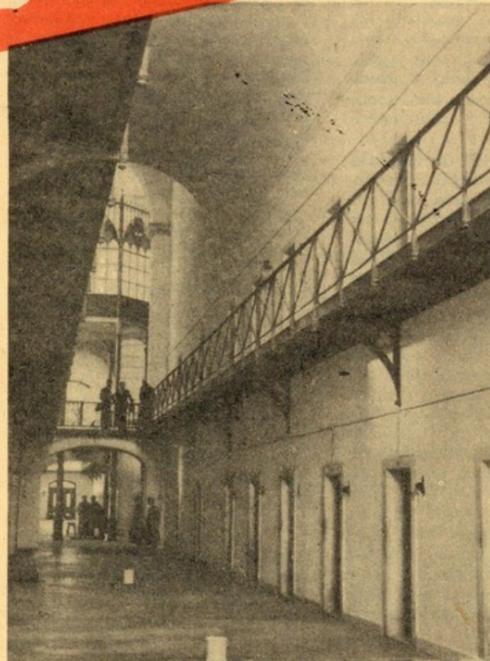


# CONDENADOS!

# BANIDOS DO MUNDO!

## ...MAS A CAMINHO DA VIDA

UMA REPORTAGEM À VOLTA DAS PRISÕES, POR JORGE GRANDE



**S**ÃO legiões, legiões enormes que povoariam um pequeno país como a Bélgica ou mesmo Portugal — esses que formam um mundo à margem deste mundo.  
Banidos do mundo!

E, entretanto, esses milhões de seres que vivem entre as grades da prisão, nunca, como hoje, tiveram o carinho dos homens que nasceram para velar por eles. É a desgraça que os estigmatiza ao nascer, pobres filhos do vício que o próprio vício acorrenta; é a desgraça que ronda e os aponta, a dedo, entre a sociedade bulhosa, essa sociedade que é quase sempre o instrumento de culpa contra aqueles que o crime atrai para o sombrio das prisões.

Banidos do mundo...

Foram-no, durante séculos: o crime era pústula, uma espécie de lepra corrosiva — e contra a qual só existia o isolamento, o mau trato, o ódio da sociedade, o desejo de que o indivíduo perecesse entre a revolta dos homens seus irmãos ou o remorso dominador, por toda a vida.

Sobre as grades sombrias da prisão, o «homem-bem» tinha escrito uma legenda de repúdio — *presidiário!* E os presídios eram o túmulo horrível, viscoso, trevas de nojo e de morte, em que o homem apodrecia lentamente como ser abjecto de infima geração.

Os séculos, porém, rolaram. Os homens humanizaram-se. E se é certo que o crime criou requinte — os meios de o combater acompanharam a evolução da prática do mal.

Contra a força — resistência!

Resistência! Mas resistir à lepra do crime como, se o crime é instituição social e se ao castigo requintado correspondia o requinte da revolta?

O homem compreendeu então que a resistência estava principalmente nos processos suaves de convencer, na maneira racional de reconduzir o ser homem à comunhão social, utilizando-o como expoente humano, dando-lhe meios de se regenerar.

As penitenciárias deixaram, assim, de ser enxovias. Santo Angelo, na Itália, ergueu-se contra as fossas de expiação. Já no limiar do século XVIII se pensa, efectivamente, que é contraproducente a aplicação de penas corporais. O homem que pecou contra os estatutos da sociedade pode vir a ser um apreciável elemento social!

E surge Sing-Sing!

A América abre novos horizontes à criminologia e à jurisprudência! As grandes prisões passam a ser grandes cidades. Os homens, ali, já não estão banidos do mundo!

Outros presídios se constroem: a Itália, a Bélgica, a Argentina, o Brasil e o México caminham na vanguarda das reformas presidiárias. Ao lado, Portugal. A Penitenciária de Lisboa é uma das mais antigas, dentro dos modernos princípios morais e materiais que presidem à construção de presídios.

O grau de civilização de um povo — pode bem afirmar-se — está na maneira de tratar dos criminosos. Hoje, só os povos bárbaros punem cruelmente aqueles que foram fracos, perante a tentação do mal. Porque, hoje, a missão das prisões é, antes de mais nada, a reintegração do indivíduo na sociedade — porque até mesmo o respeito cristão pelo homem tem de ser incompatível com o castigo brutal.

John Howard, Elizabeth Fry foram dos primeiros a proclamar: em lugar

de ser humilhado, batido, degradado ainda mais pela permanência na prisão — o indivíduo deve de lá sair melhor cidadão do que entrou.

A Acta das Prisões, com data de 1898, assinalou enfim: o preso carece de reforma e não de castigo! Vieram, assim, as colónias penais, as colónias agrícolas, as escolas de operários.

São Paulo, com uma das melhores penitenciárias do mundo, escreveu sobre a grande porta de entrada:

**O HOMEM À COMUNHÃO SOCIAL!  
«AQUI, O TRABALHO REGENERA E RECONDUZ**

O México foi um dos primeiros países a aproveitar-se das experiências dos criminologistas europeus. E um dos primeiros índices de renovação foi o consentimento de as mulheres dos presos poderem visitar os seus homens, com carácter particular, a fim de se evitarem os distúrbios psicológicos — morais, portanto — até então registados nas prisões de todo o mundo.

Que pretendem os modernos criminologistas? Castigar? Não — reformar, reabilitar o indivíduo. Quanto mais normal puder ser a vida do preso — tanto melhores serão as condições de funcionamento das aulas de reabilitação. Se o crime tem, quase sempre, a sua origem na falta de educação do delinquente, o melhor modo de o combater é educar o homem primitivo de instintos.

É assim que vemos, aqui em baixo, a cela deste criminoso habitada por sua mulher, que lhe enche as jarras de flores quando o visita, é assim que vemos um retrato de Loretta Young, na parede, que sabemos que ele apanha sol nos pátios, trabalha ao ar livre nos campos e sob direcção técnica na oficina.

Porquê? Brandura de disciplina?

Os sociólogos sabem que as influências mais importantes são as que actuam sobre o consciente e subconsciente do preso. As influências determinam os impulsos do homem — e esses impulsos são quase sempre os grandes agentes do crime.

\*

Vai longe o tempo em que as reformas de John Howard pareciam contracenso — deixar de juntar os criminosos em rebanho, separá-los por celas, para evitar o perigo do contágio moral, e reuni-los apenas para o trabalho útil e exercícios.

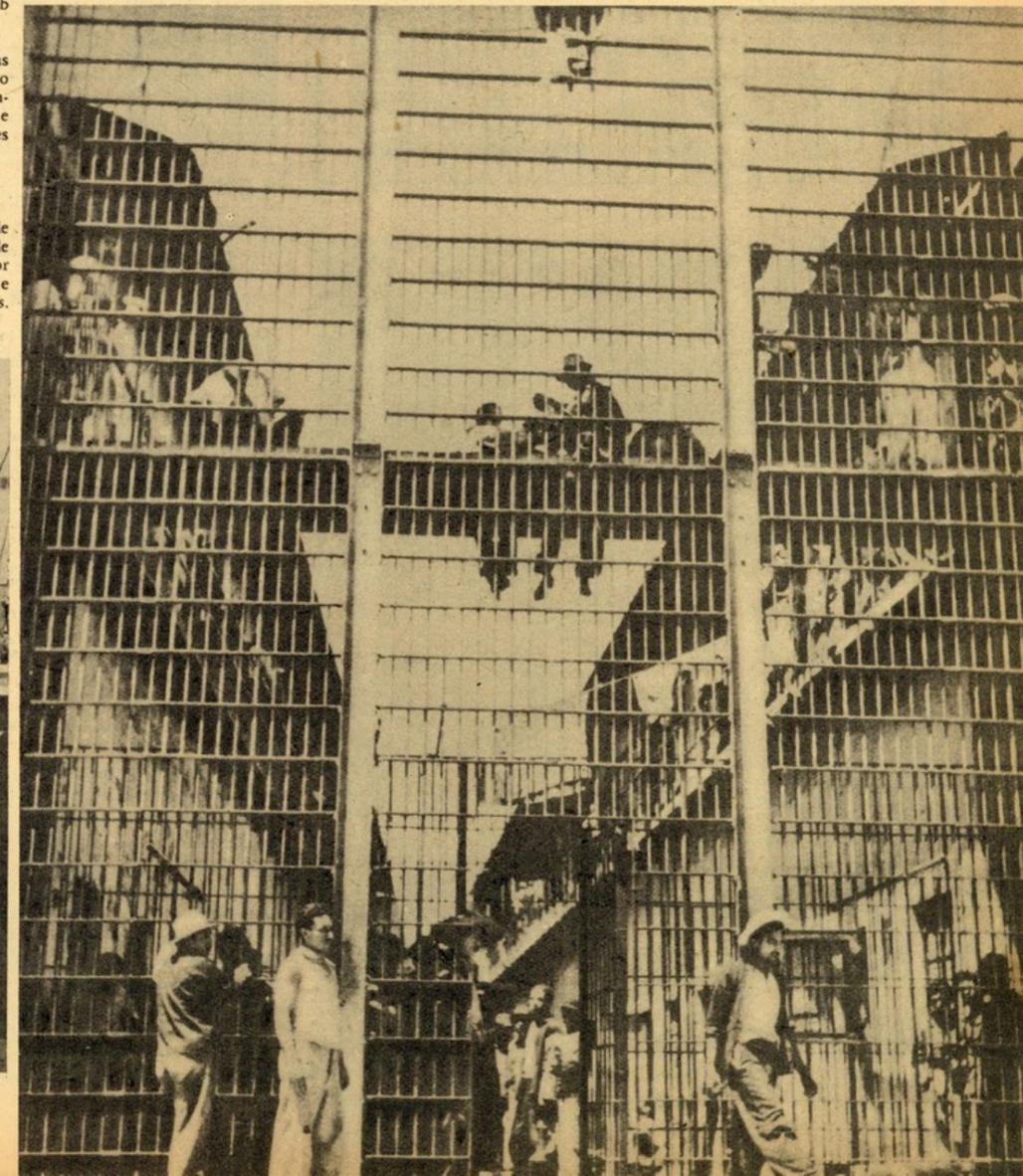
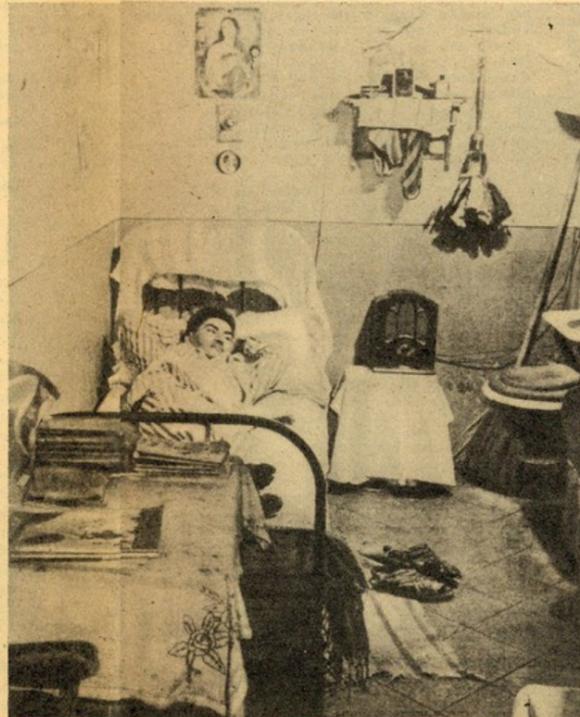
Howard foi chamado o «protector de corta guelas» — mas as suas reformas, atacadas por magistrados, triunfaram.

A Penitenciária de Lisboa, uma das melhores da Europa, também tem as suas modelares oficinas, as suas aulas, os seus pátios e casas de recreio. O presidiário é carinhosamente amparado, «trabalhado» — a fim de ser reconduzido à sociedade como elemento útil. Os que de lá saem, têm sempre uma arte, um norte a seguir. E, como entre nós, o Brasil olhou o caso com um desampoeiramento verdadeiramente americano: Não há só as aulas de mecânica, marcenaria e tudo o mais que interesse ao operário que o preso será ao sair: há as aulas de pintura, de música, com a sua banda e orquestra; há o cinema e o rádio, o jornal feito lá dentro por presos; às vezes o teatro, o trabalho nos campos de cultura — e a liberdade condicional, quando estiverem cumpridos, em condições exemplares, três quartos da pena total!

Isto, porém, é em S. Paulo. Mas Minas — Belo Horizonte — na sua Penitenciária agrícola, uma instituição modelar, faz ainda mais: permite que as mulheres dos presidiários vão ajudar os homens — mais de uma centena — nos trabalhos agrícolas da colónia, que fica a alguns quilómetros do presídio, e onde são vigiados, apenas, por um guarda!

Pela tarde, ao bater de Avé-Marias, conduzindo grandes bilhas de leite das vacas e ovelhas que a Penitenciária mantém — regressam todos à cela confortável, em carreira, fatigados mas contentes consigo, formando uma legião de náufragos, a caminho de um novo porto de abrigo...

Banidos do mundo, é certo — mas a caminho da vida!



# ACTUALIDADE

## A TIA GERTRUDES

**C**HAMAM-LHE a tia Gertrudes, tem 89 anos e vive na sua casa pequena, ali em Sintra. Tãd magrinha que é, tão branca, cõr de papel-marfim, parece que vai ficar-se num suspiro, levando para a terra todo o seu rosário de ilusões, todo o seu destino vivido entre lágrimas e risos...

Tia Gertrudes adoeceu outro dia. Uma pleuresia, um caso grave a que o médico não dava encorajamento de melhoras:

— Vamos a ver... Vamos a ver...  
No seu leito, porém, o rosto muito branco a apontar na dobra do lençol — da cõr da sua pele cerúlea — Sr. Gertrudes nem dava conta do que ia à sua roda. Perdeu o acõrdo, desconheceu as coisas, no seu sentido exacto.

Já está tontinha, coitadinha da tia Gertrudes!  
Que sim ou que não — ela arribou. Criou fõrças, voltaram-lhe umas corzinhas leves de carmin e já dava acõrdo de si.

— Temos mulher! — dizia o médico.  
E, realmente, assim era. Tia Gertrudes já sabia o que era outra vez o mundo — embora o seu saber fõsse um julgar de donzela, inocente nos seus 89 anos, por duas vezes mãe.

E foi assim que ela regressou à guerra, ao medo dos tiros, e que lhe levassem o genro e mais o filho.

— Ambos são meus filhos! Que Deus tenha longe a guerra! Que Deus a acabe depressa!...

As mãos postas, trementes, enclavinhavam-se, dos olhos baços corriam lágrimas quentes e os lábios murmuravam alguma prece que aprendera em criança.

Um dia destes, deu conta de que na janela do seu quarto andavam a pôr tirinhas de papel, em cruz e em quadradinhos.

Tia Gertrudes, mal podendo ainda mover o pescocito fino como a linha, perguntou o que era aquilo e para que punham os vidros da janela como grades de prisão ou janelas de convento. E disseram-lhe, a liudir preocupações, que lá haver festa.

— Para quê, meus filhos? Que me lembre, por agora, não é tempo...

Que lhe haviam de dizer? Que o espectro da guerra não podia ser afastado mesmo dos povos pacíficos? Que era preciso prevenir para não ter que remediar? Que compreenderia a velhinha de 89 anos disso tudo — que não havia perigo mas que não estavam desprevenidos? E disseram-lhe, para não pôr em sobressalto o seu coração de pomba mansa:

— É uma festa, tia Gertrudes... Vai acabar a guerra...

Tia Gertrudes pôs as mãos trémulas:

— Louvado seja Deus!... Até que enfim! E para que são os papéis?

— É um concurso... tãda a gente, por aí fora, está a pôr papéis nas janelas, tia Gertrudes...

— E depois?

— Quem mais bonitas as puser, terá um prémio...

Tia Gertrudes sorriu. Pôs de novo as mãos, num «graças a Deus, que a guerra já lá vai» e murmurou:

— Então, arranjem, arranjem as janelas bem bonitas, meus filhos!...

Cerrou os olhos e ficou a sonhar com raminhos de oliveira, pombas mansas e caminhos de flores brancas, a reflorir na sua alminha inocente de donzela duas vezes mãe...

Aí, a segunda memõncia da tia Gertrudes, coitadinha!...

MANUELA DE AZEVEDO

# FALA-SE ESTA SEMANA

## OLAVO D'EÇA LEAL



Conhecem este rapaz já espigadote que tem graça que farta e que, afinal, é já sissudo chefe de família?

Olavo d'Eça Leal, um dos novos, um dos srevolucionários, um dos estetas que diz: eu quero, eu posso e mando — escreve, fala e só não faz teatro — porque não.

Agora, Olavo d'Eça Leal é também escritor — escritor de livros, já se vê, porque em jornais e linguadões para ler ao microfone está êle farto de escrever. E foi precisamente desses linguadões que êle fez um livro — ao contrário dos cozinhinhos que costumam fazer «pratos» saborosos.

O livro «Falar por falar» — ensaio de teatro radiofónico e selecção dos diálogos mantidos ao microfone da Emissora — é também, entretanto, um prato saboroso. Saborosíssimo, por sinal: à Olavo d'Eça Leal — está tudo dito.

## DR. CORREIA DE MATOS



Vem-nos de Africa este nome patriota. De Africa, e é dos melhores que se formaram em terra portuguesa.

Escreveu agora, editado pela Parcerias António Maria Pereira, um romance cheio de emoção, cheio de sentido

real, a que deu o nome de «Há quem se esqueça de viver»... Lisboa — e o resto da metrópole — toma, assim, contacto com um escritor de verdade que já tinha subscrito um outro romance de êxito — «Sinfonia bárbara» — e que merece a atenção de quem lê e quem comenta.

## MIMI MONTEIRO



Uma nova poetisa — e uma poetisa nova. Porque suponemos que seja uma estrela — por sinal que auspiciosa, êste livro de versos que tem um ilustre evocador:

«Um ano da minha vida». Mimi Monteiro encontrou formas simples e harmoniosas para cantar os seus dias, as suas alegrias, os seus desânimos. Sem deixar de ingressar nas correntes modernas da poesia, esta poetisa conseguiu o ritmo e a graça lírica das frases. Há uma pontilinha de sensualidade dos seus versos, aqui e além. Mas, isso, será razão para não filarmos a poesia de Mimi Monteiro nas correntes líricas da nossa poesia?

Futuros militares, homens de palmo e meio que o tempo e o saber bã-de fazer briosos oficiais do nosso exército! Os rapazes do Colégio Militar — os «Meninos da Luz» — voltaram a tomar os seus bancos escolares. O Sr. Presidente da República assistiu à inauguração do novo ano lectivo, encorajou os novos alunos e renovou a sua confiança aquêles que já estavam.

## E TUDO O CARRO LEVOU...

**U**MA das maiores calamidades da hora presente é viajar de eléctrico. Sobretudo, nas plataformas, que os lugares para a gente se sentar vão sempre ocupados, não sei mesmo se marcados de véspera. Tomar o eléctrico, por muito forte que pareça, é uma necessidade cotidiana, para quem mora longe das ocupações ou tenha afazeres que o obriguem a tal epopeia. As sete horas da tarde, no regresso ao lar, os assaltos aos carros são impressionantes. Veja o leitor as paragens-zonas da Estrela, do Poço do Bispo, do Dãfundo, de Benfica, do Areeiro.

Um grande aglomerado humano, num sussurro contínuo, espera, resignado, que o ôlho luzente do monstro de aço assome, tilintando, na via. Então, pacífica e ordenadamente, tãda aquela gente se pisa e acotoveia, insulsa e fura, na ênsia insofrida de apañhar lugar sentado. Debalde, porém. O carro já vem cheio, mas se sabe desde onde. Todos se penduram como acrobatas, de esgueiha, em cima do salva-vidas, nos balaustres, nos estribos.

A plataforma fica atravancada, cheia, e o paciente ali vai uma viagem inteira com os calos no suplicio atroz das pisadelas, com cotoveladas no estômago combalido das refeições sem tempo, os rins magoados via manivela e do travão onde, por sorte ficou entalado. Já diversas pessoas, com os balanços têm baldeado carro fora — e outras racham cabeças nos andalimes — mas as viagens, com as fotações esgotadíssimas continuam, normalmente, porque a pressa é muita — e não vai a pena, por dois ou três desastres por semana, meter um ou dois carros a consumir energia...

Outro problema é o dos transportes. O eléctrico hoje leva tudo: canastras mal cheirosas, fardos de bacalhau em papel de seda, garrações com óleo, serras e bõrgos de criança. No salva-vidas já eu vi uma capoeira com frangos e uma saca de carvão, não falando, claro, em três volumosas malas de viagem que pejavam o diminuto espaço onde o passageiro, por favor põe os pés. Bem se sabe que as dificuldades são grandes nos transportes. Perfeitamente. Mas, também por isso, daqui se pergunta humildemente à Carris porque não arranja eléctricos especiais para carga... E então, sim, veríamos os grãos de nabo, as nabiaças, as caixas de peixe, as sacas de carvão, os carrinhos de bebé e até os canitos relpudos de luxo que comem pão-de-ló — quando o pão de segunda escasseia para os humanos de dois pés, — viajarão, cómodamente, com o bilhete de oito tostões. A C. P. tem vagões de carga; porque os não hã-de ter a Carris, exactamente como os tem a Light, por exemplo, no Brasil, com o nome de «Bagageiros»?

Alãda hã dias num carro de S. Bento, à entrada da Avenida Presidente Wilson, mais de cinquenta pessoas, apertadas no horário hurocrático, esperavam o eléctrico. Mal êle appareceu, foi tomado mais ou menos pacatamente de assalto. Todos os lugares iam ocupados... Pois, senhores, entrem tudo! Só cabazes de peixe, bidões, ramos de flores, e sacas de coque eram vinte e tal. Acomodou-se tudo — e muito bem. Pelo percurso entraram dois respeitáveis cavalheiros de noventa quilos e uma alcõfa com enouras.

Pois, apesar de ir a caminho do emprêgo, já com as calças sem vinco e úmidas da saimoura, ôlhel de esgueilha a paragem-zona lá ao fundo, deserta, e pensel, com os meus botões: ... E tudo o carro levou...

MANUEL MARTINHO



## A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE



### ANTES DO VERNISSAGE 2 MINUTOS NO ATELIER DE CANTO DA MAIA

Canto da Maia há vinte e quatro anos que não expunha em Portugal, embora de Paris, onde tem «atelier», mandasse trabalhos seus, que a crítica soube sempre acarinhá-los.

A sua última exposição foi em 1919, em Outubro, num período de agitação política no país. Passou quasi despercebida do público, no salão Bobone, o expressivo talento do grande escultor dos Açores.

Canto da Maia emigrou; andou por Paris, onde tem uma filha a freqüentar o curso de letras; em Paris contrafu matrimónio e montou «atelier». Nos salões *Independentes*, *Outono* e *Decoradores*, onde aparecem centenas de artistas, os seus baixos relevos, bustos e figurinhas de cerâmica alcançaram grande êxito. O Estado francês encomendou-lhe aquêl admirável «baixo-relêvo» *Família*, que os americanos saudaram com elogiosas referências, ao visitarem os jardins do Pavilhão de New-York. Londres, Berlim, Tóquio compram-lhe trabalhos. E é o autor do monumento a Antero e de tantas

obras que andam dispersas pelo mundo.

O artista açoreano dava os últimos retoques num dos seus trabalhos que vai apresentar no dia 13, nos estúdios do S. P. N., quando entrámos no seu «atelier», a Campolide. Perguntámos-lhe logo:

— Quantas esculturas apresentará?  
— 35. Dessas, uma dúzia já são conhecidas. Feitas, desde a minha estadia em Portugal, há cinco anos, há um «baixo-relêvo» que me apaixonou imenso: *Canto de Ilusão*. Exponho, também, fotografias de trabalhos que tenho em Paris.

— Gosta do nosso meio?  
— Eu adoro o sol, o movimento. Os grandes centros têm mais vida — e deixam viver mais... Se tivesse ficado nos Açores — nunca teria feito nada... E aqui, compreende... A escultura é uma arte ingrata, para quem tem de viver...

— Voltando à exposição...  
— Apresento alguns bustos: o do dr. Arlindo Vicente, meu amigo e artista, o de Antero de Quental e de minha mulher. Espero que o público queira corresponder, pelo menos — diz-nos com um sorriso — por ser um escultor pouco visto, na nossa terra...

## FOI LIBERTO

# ROBIN CAMPBELL

## FILHO DO EMBAIXADOR INGLÊS EM LISBOA

A guerra tem destas vicissitudes e a todos toca com a sua asa negra: em 1941, um rapaz forte, destemido e optimista tomou parte no ataque dos «Comandos» ao quartel general de Rommel, no norte de África. Chamava-se Robin

Campbell, tinha só 31 anos e era filho do embaixador britânico em Lisboa, Ronald Campbell. Foi feito prisioneiro, os italianos, depois do drama no hospital onde lhe amputaram uma perna, tomaram conta d'êl. A guerra continuou, a estrela da Itália deixou de brilhar — e os prisioneiros de guerra britânicos e americanos, com a assinatura do armistício, foram entregues aos vencedores. Robin Campbell regressou, pois, a Inglaterra — e ei-lo, como a foto no-lo mostra, confiante, de novo, nos destinos da pátria, recolhido à placidez da sua casa de Oswestry.



## NOTAS RAPIDAS



Elementos das colónias inglesa e americana em Lisboa ofereceram ao sr. embaixador do Brasil um banquete, como expressão de simpatia. No final, o sr. Dr. Neves da Fontoura agradeceu os brindes.



Na Academia das Ciências, antes de iniciar a sua conferência sobre «A Saída Literária de hoje», a propósito da notável exposição suíça, no Instituto Superior Técnico, o escritor Henri Ziegler deixou-se fotografar para a nossa revista.



O Grupo «Os Carlos» festejou mais um aniversário. E, como sempre, fé-lo sem se esquecer dos outros Carlos que não pertencem ao grupo e que são pobres. Damus um aspecto da distribuição do bolo aos pequeninos de Lisboa, entre os quais dois protegidos nossos.



A Academia de História também tem férias. Agora, porém, com a nova sessão acabou-se o repouso. Volta-se ao estudo, aos livros, às comunicações. A sessão inaugural esteve muito concorrida e funcionou sob a presidência do sr. dr. Castro da Mata.

## CINEMA PORTUGUES PERANTE O NOSSO TEATRO DE REVISTA

**T**ERÁ o cinema português feito algum mal ao Teatro e nomeadamente ao Teatro de revista? A julgar pelas aparências assim aconteceu. Sempre que podem, com uma pertinácia deveras significativa, os autores das nossas revistas atiram-se à indústria nacional de filmes como Santiago aos moiros. Não é a apreciação jocosa dos êxitos ou insucessos saídos dos estúdios alfacinhas que está em causa, no presente comentário. É, sim — e apenas — a surda campanha de descrédito da cinematografia portuguesa, sob o ponto de vista industrial. Como gota de água em pedra dura, os ditos sucedem-se para provar que este negócio dos filmes é uma espécie de conto do vigário, armado aos incautos.

As duas revistas que o Apolo nos deu ultimamente foram modelares sob tal aspecto. Em *Alerta está* dizia-se que todos «os filmes portugueses são coloniais — porque os capitalistas ficam sempre de tanga». E, a determinado louco que saía de Rilhafoles, o médico aconselhava-o, para evitar receitas, entre outras coisas, «que não

metesse dinheiro em cinema português». Agora, na *Romaria*, aliás dos mesmos autores, insiste-se na estafada tecla. Declara-se «que todos os filmes portugueses são de... perdição». E afirma-se entre outras coisas que na versão cinematográfica do romance de Camilo «morrem oito pessoas, ou sejam sete intérpretes e o espectador «que pagou 15 escudos para ver aquilo»...

Poderíamos lamentar, apenas, a falta de imaginação dos autores, que os força, de peça para peça, a insistir nos mesmos temas, com tão manifesta insuficiência de espírito. Mas não resistimos à tentação de bordar algumas considerações sobre o assunto.

Em primeiro lugar, é possível que certos filmes portugueses tenham sido maus negócios. Mas em compensação — e muito embora os actores e os autores de Teatro se façam pagar bem, sempre que emprestam a sua colaboração ao cinema nacional — não nos consta que alguma vez tenham deixado de receber integralmente os seus honorários ou seus *cachets*. «A bon entendeur»... Em segundo lugar, não nos parece muito bem que numa casa

de espectáculos se insinue que outro espectáculo não presta e se comente até o preço do mesmo, quando afinal, e com mais razão, porque o preço é mais elevado, o espectador pode pensar o mesmo em relação à revista arrodada em censura dos acontecimentos ou dos costumes nacionais.

Poderíamos estender estes comentários até o infinito e provar, igualmente, que o esforço que cada filme constitui merece o carinho e o respeito de todos — e que o fomento da indústria nacional interessa também aos autores e artistas teatrais, chamados constantemente a prestar a sua colaboração, sem, por qualquer forma, lesar, mesmo de modo indirecto, os interesses das empresas ou dos contratados do Teatro português.

Tanto no primeiro como no segundo caso — as duas revistas do Apolo — as pessoas interessadas na indústria do cinema português fizeram chegar o seu protesto ao Presidente da Sociedade dos Escritores e Compositores Teatrais, cujas diligências obstaram, pelo menos quanto a *Alerta está*, que prosseguissem tais comentários. Apela-mos, pois, para aquela instituição, rogando que faça ver, de uma vez para sempre, aos autores das nossas revistas, que se é legítimo comentar, parodiar e até achincalhar um filme — a tradição conferiu a esse género de teatro imunidades especiais — não é tolerável que se desacredite sistematicamente uma indústria, que se procura pôr de pé com uma tenacidade e um esforço que só por si a impõem à consideração geral — sobretudo se os comentários, como até aqui, revelarem não só a pobreza de espírito que documentamos, como ainda o plano de uma campanha organizada para satisfazer interesses ou despeitos incompreensíveis, mas forçosamente existentes...

FERNANDO FRAGOSO

## O amor em Hollywood

**C**UPIDO, em Hollywood, anda verdadeiramente desenfreado... A guerra parece ser propícia às suas arremetidas — e todos os dias saem do carcaz setas bem dirigidas que atingem o alvo...

Assim, Betty Grable acaba de desposar Harry James, que está longe de ser um galã. O facto prova, uma vez mais, que as vedetas cinematográficas amam, na tela, os homens bonitos e casam afinal com rapazes, como qualquer de nós — modéstia à parte, claro está.

Mickey Rooney, curado já da catatraz que lhe deixou Ara Gardner, na primeira experiência matrimonial, anda doidinho de amores pela bailarina Mary Elliot.

Jean Pierre Aumont, que passou despercebido em Lisboa, a caminho da América, após a derrota da França, casou-se com Maria Antónia Gracia Vidal de Santos Silva de Mc Feeters, célebre no cinema, sob o nome de Maria Montez. Foram padrinhos Charles Boyer e Jeanine Crispin.

E não continuamos a lista porque seria interminável. De resto, estes são os últimos enlances sensacionais da Cinelândia, o que não quer dizer, evidentemente — ela donna e mobile... — que subsistam à data a que escrevemos...



Qual das três prefere o leitor? Lana Turner, Hedy Lamarr e Judy Garland? Uma resposta difícil — e um entretenimento simpático para combater o mau humor... Vamos! Qual delas escolhe...

## OS COMENTARIOS DA SEMANA

O filme que o Conde nos deu, foi baptizado, em Portugal, com o título dum tango famoso: Saúde, dinheiro e amor. Há tempos, Roxie Hart, de Ginger Rogers, exhibiu-se, entre nós, com o nome de É bonita, apresenta-se bem. Há que aguardar serenamente que nos anunciem Esta noite me emborracho, com Bette Davis e Herbert Marshall, ou o Giro-flé, giro-flá, grande criação de Greta Garbo ou de qualquer outra vedeta famosa.

\*\*\*

Segundo as últimas estatísticas, trinta por cento dos filmes produzidos no mundo inteiro tiveram no título a palavra Amor. Não nos custa a crer! Agora, nos cartazes de Lisboa, o Amor é objecto duma Entrevista, aparece ligado à Saúde e ao Dinheiro, muito embora seja sempre De Perdição...

\*\*\*

Atendendo ao êxito do filme de Noel Coward, a «Sonoro-Filme» vai anunciá-lo assim: Sangue, suor e lágrimas é, para o exibidor, sinónimo de Saúde, dinheiro e amor...

\*\*\*

Artur Duarte aguarda a chegada de filme virgem, para iniciar A Menina da Rádio. Está tudo a postos — com os olhos postos na Barra...

\*\*\*

Temos ouvido dizer que o realizador de O Amor de Perdição para prestar deferente e comovida homenagem a Camilo Castelo Branco, não quis ligar à fita outro nome de ator que não fosse o de Camilo. Dai a ausência de legendas...

Aqui está uma ideia que não ocorreu a Irving Thalberg quando nos deu Romeu e Julieta, de Shakespeare, ou a Terra Bendita, de Pearl S. Buck.

## BABY SANDY FAZ CAMISOLAS PARA OS SOLDADOS



A guerra rugiu. O Natal aproxima-se. Há homens a combater nas regiões geladas do Arctico. Os soldados americanos que ocupam as Aleutas travam duas batalhas. Uma contra o clima — e a outra contra o inimigo.

A América não esquece os seus filhos. E em todos os lares, há mulheres e crianças agarradas ao «tricot», a fazer camisolas para enviar para a frente. Quem as irá vestir? Que importa. São soldados americanos. Livrá-los das aguras do clima — é contribuir para o esforço de guerra.

Aqui temos Baby Sandy votada à tarefa comum. Kay Francis, que esteve o ano passado em Lisboa, ensina-lhe os segredos duma laçada difícil...

E esta imagem de paz — tem um valor simbólico como determinação segura de que a guerra continua.



CARMEN DOLORES

NÃO QUERE IR PARA O TEATRO!

ORA aí está uma notícia que vai deixar muita gente surpreendida. Mas foi assim mesmo. Carmen Dolores, a sentimental intérprete do *Amor de Perdição*, recusou um convite que Amélia Réy, Colaço lhe fez para ingressar no elenco do Teatro Nacional.

Carmen Dolores mora numa casinha acolhedora, nas Avenidas Novas. Lá a foi o repórter encontrar com aquele sorriso bonito que anda constantemente à flor dos seus lábios de menina.

— Por que não quer ir para o teatro?

Estávamos *vis-à-vis*, ela recostada num *maple*, o repórter num sofá, a esborrachar, com o péso do seu corpo, uma fofa almofada de sêda.

— Dá muito trabalho. E eu estou um bocadinho fatigada. Não vê que ter de representar a mesma coisa tôdas as noites... E extenuante, não lhe parece?

O repórter cabeceia um «sim» e instala-se melhor. A pobre da almofada estava reduzida a um novêlo disforme... mas muito macio.

— Tem graça — continua ela. — Antigamente gostava mais de teatro do que de cinema. Agora... agora...

Carmen Dolores fica nas reticências, mas os seus olhos embebem-se de um brilho intenso. Paixão? Sim, Carmen Dolores está apaixonada pelo cinema. Fêz teatro, pertenceu ao grupo cénico do Mestre Araújo Pereira, frequentou o Conservatório — mas tudo isso morreu desde que entrou nos estúdios e pisou o «plateau».

A cabeça doirada de um garoto aparece a espreitar na porta do fundo.

— Irmão?

— Não... Sobrinho.

Uma fotografia colocada na parede, espavita a curiosidade do repórter. É um retrato de uma criança, oito ou nove meses se tanto, nuazinha, e de grandes bochechas ludizias.

— Outro sobrinho?

Carmen sorri. Quando Carmen sorri, os olhos semicerram-se-lhe numa expressão deliciosamente gaiata.

— Não. Sou eu — eu mesma, aos sete meses...

Antes de se erguer, o repórter procura, disfarçadamente, fazer voltar a almofada à sua posição normal. Mas Carmen surpreende-o com uma gargalhada.

— Não se incomode. «Isso» já não deve ter consêrto...

Quais os planos de Carmen Dolores? Mil. Mil vezes mil. Que ela nada nos contou. Mas onde há sonho há planos — e os olhos de Carmen estão cheios de sonho. Uma coisa é certa, porém: Carmen Dolores não quis ir para o teatro. O cinema conquistou-a totalmente.

As

Três pancadas

UMA PEÇA NA BERLINDA

«Os vizinhos do rés-do-chão» tem certos pontos de contacto com a peça e com o filme «Não o levarás contigo», a que não falta o final onde ricos, pobres e remediados dançam numa perfeita comunhão de idéias e de ideais. E certo que em «Os vizinhos do rés-do-chão» este final apenas foi enunciado porque nem Vital dos Santos sabe tocar viola nem o Erico guitarra. E como em «Não o levarás contigo», a peça é uma mistificaçãozinha a fingir que tem intuítos sociais.

— Maria Schultz e Luís de Campos, um dos parzinhos amorosos da peça, são, o que se pode dizer, talhados um para o outro. Até a maneira de falar enfaçada é comum nos dois. Um par ideal...

— O visconde e a viscondessa, o aristocrático casal do primeiro andar, não andam tão a nadar em dinheiro como os autores dizem na peça. Pois se os pobres, coitados, nem têm jeito para mudar!

UMA PREGUNTA

Qual é o melhor lugar num teatro? Atrás ouve-se apenas metade da peça, mas à frente, como se paga mais, ouvem-se nada menos do que duas: — a que os artistas representam e aquela que o ponto grita da sua caixa.

NOTÍCIAS FALSAS

Continua alcançando um êxito extraordinário, no Teatro Nacional, a peça de Bernard Shaw, «Santa Joana», em que Maria Lalande, no principal papel, conquistou definitivamente o público e a crítica.

— Estão a ser demolidos, por ordem da Câmara, todos os teatros do Parque Mayer. Em seu lugar vai construir-se um grande teatro com palco giratório.

REPÓRTER UM

HA CIRCO NA CIDADE

A camioneta passa e os músicos encchem as ruas de sons metálicos e desafinados. Há circo na cidade! Os palhaços, as estátuas vivas, o homem-repuchão, o jongleur chinês — maravilhas da pequenada e da gente graúda. E vê-los a sorrir das diabruras dos clowns ou presos pela emoção quando a mulher morcego, no alto da cúpula, salta de argola para argola, com uma facilidade de espantar. Há de tudo no circo — há alegria na cidade...



MORRERAM DOIS GÊNIO DO TEATRO



COM poucos dias de intervalo, a morte levou os dois maiores revolucionários da encenação: o francês Antoine e o alemão Max Reinhardt.

Ambos morreram velhos, um com 85, o outro com 70 anos, depois de uma vida inteira de dedicação pelo teatro, onde queimaram esforços lutando e vencendo a rotina, o «lugar-comum» o «é assim que se faz porque é assim que sempre se fez», amolecedor de energias e de vontades.

Na ânsia de remodelar o teatro, introduzindo-lhe novas idéias e novas concepções, Antoine e Max Reinhardt foram dois gigantes. «Sonho de uma noite de verão», a peça que marcou o início da carreira de Reinhardt, teve um êxito absoluto. Pela primeira vez

o público assistia à montagem de uma peça em que a «atmosfera» representava um papel de primeiro plano. A sua ânsia de realizar era tão grande que não receou incompatibilizar-se com o imperador Guilherme II por ter insistido em levar à cena uma peça de Hauptmann.

A vida de Antoine foi igualmente uma vida de luta. De simples empregado na Companhia do Gás até a encenação da sua última peça, longo foi o caminho desbravado. A sua «História do Teatro» e o seu «Teatro Livre, que veio abrir novos horizontes à arte teatral francesa, ficarão, para sempre, a marcar a presença do grande homem. Pena foi que Antoine não tivesse trabalhado com Reinhardt. Que formidáveis obras não saíam daí!

# LITERATURA

## A POESIA DE FAUSTO GUEDES TEIXEIRA

**A**o lado de Augusto Gil e de António Patrício e na mesma geração literária, a personalidade poética de Fausto Guedes Teixeira só agora começa a ser entendida no nível que justamente lhe cabe. Ao julgamento da sua obra fez falta a morte, como à sua vida de poeta fez falta o isolamento entre os vivos; e em ambas encontramos, melhor representadas do que em quaisquer outras, o estilo sentimental e literário da sua época — essa transição do século que tantas vezes nos parece um mar morto de homens naufragados e incertos.

A obra de Fausto Guedes Teixeira, de que se fez há pouco a edição definitiva em dois volumes sob o título «O meu livro» (1), não tem certamente tão pura e natural expressão lírica como a de Augusto Gil; não tem o vigor dramático e a significação humana que encontramos em formas apaixonadas na de António Patrício. Sobre-lhe, todavia, a facilidade em poetar, como se toda a sua alma vivesse em versos, e uma sinceridade de expressão que chega a absorver os frequentes lugares-comuns das idéias, das imagens e das formas.

O lirismo em Portugal, como género literário e até como estado de alma comum, deparou sempre com um duplo obstáculo: a incapacidade de aprofundamento psicológico sistemático e consciente, própria da raça; e a tempera especial da língua, mais própria para exprimir exterioridades do que sentimentos originais e únicos. Quando quer cingir-se à expressão exclusiva da sensibilidade — e é o caso de quasi toda a poesia de Fausto Guedes Teixeira — dificilmente pode fugir ao superficial, a um tom provinciano, depressa inactuel e frágil, que prejudica a sua longa repercussão. Por isso há tanta página morta e realmente insignificante — no sentido literal e não no pejorativo da palavra — entre as muitas de comovente contágio que se encontram na obra deste poeta.

O lirismo de 1900, na maioria dos casos, foi uma parada sempre repetida de quadros íntimos em que faltava o sangue fervido dos grandes dramas e todo se consumia em vaga tristeza, ligeiramente sussurrante. Constituiu uma espécie de reacção sentimental contra os parnasianos, em que não se ignoram as ressonâncias naturalistas, contra a poesia de intenções panfletárias e sociais à Junqueiro e Gomes Leal, contra os excessos formais do simbolismo que

já tinha nos «Oaristos» de Eugénio de Castro a sua representação de escola.

Ainda o que mais avulta em Guedes Teixeira é uma impressão de conflagramento, de frio timorato perante a realidade que pelo seu mesmo carácter negativo chega a atingir algumas vezes um sentido humano — isto é, que exprime realmente uma definida situação das almas sonhadoras perante o real. E não vale a pena lembrar, contra isto, as suas poesias patrióticas que são manifestamente pobres e inadequadas ao seu génio.

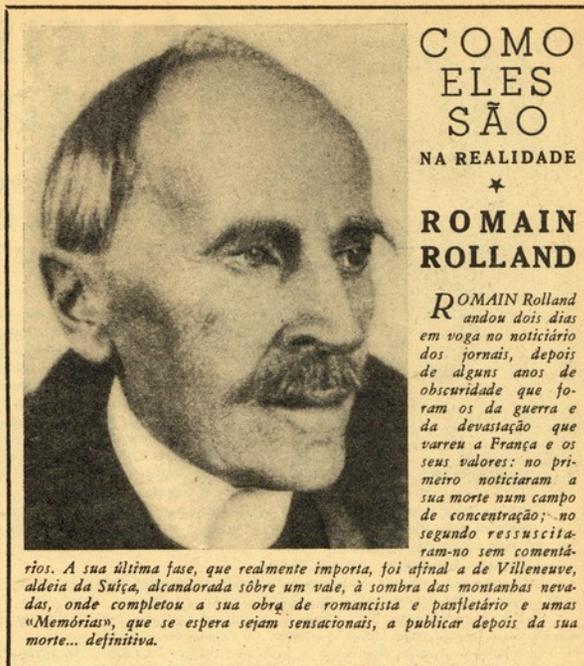
A obra de Fausto Guedes Teixeira tem sob outros aspectos, no entanto, muitas qualidades sedutoras. A sua facilidade formal é notável, vencendo com verdadeira inspiração a estreiteza dos quadros tradicionais da poesia, que sempre respeitou; e é muitas vezes essa inspiração das próprias palavras, nascendo de um coração enternecido e sensível, a fonte da poesia comovedora que este poeta nos transmite. Olhando conflagrado o mundo que o rodeava, chocando-se com as ondas desencantadas do seu «grande mar de dores». Fausto Guedes Teixeira encontrou no sonho, de que a poesia é a transfiguração externa, o seu grande refúgio.

Tudo isto procurou exprimir numa linguagem directa, ouvida dos próprios sentimentos às formas, em que as imagens são ainda referências muito próximas da vida interior. Talvez por isso não tivesse sido o poeta de génio da sua geração, como convinha à sinceridade, às aspirações glubosas, embora um pouco estreitas, ao alento de artista com que viveu.

Ficou na sua mensagem poética, todavia, um belo símbolo: o de uma alma que tudo esperava da transfiguração da realidade pelo sentimento e por isso em cada momento se sentia igualmente vencida e ressuscitada. Não chegou à felicidade perfeita nem à total desesperança, que são duas formas bem difíceis de genialidade, mas transcendeu a fragilidade da sua natureza humana criando uma obra, com devoção e modéstia raras, e isso basta para a singela e doce admiração que há-de rodear ainda por muito tempo a sua memória.

ALVARO SALEMA

(1) Edições Morâmes, Porto.



## COMO ELES SÃO NA REALIDADE

★

### ROMAIN ROLLAND

**R**OMAIN Rolland andou dois dias em voga no noticiário dos jornais, depois de alguns anos de obscuridade que foram os da guerra e da devastação que varreu a França e os seus valores: no primeiro noticiaram a sua morte num campo de concentração; no segundo ressuscitaram-no sem comentários.

A sua última fase, que realmente importa, foi a final a de Villeneuve, aldeia da Suíça, alcançada sobre um vale, à sombra das montanhas nevadas, onde completou a sua obra de romancista e panfletário e umas «Memórias», que se espera sejam sensacionais, a publicar depois da sua morte... definitiva.

## UMA ANEDOTA DE LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS

### ALEXANDRE DUMAS

**T**EMPERAMENTO exuberante e excessivo, Dumas Pai teve sempre uma vida social agitada, em que as polémicas, as antipatias declaradas, os incidentes com muitos dos homens célebres do seu tempo ocupam vasto lugar. Balzac foi uma das suas vítimas ou um dos seus carrascos literários, conforme a perspectiva em que os quisermos julgar.

Um dia Dumas Pai entrava em casa de um amigo quando Balzac se preparava para sair, e lá dizendo ainda às pessoas que o acompanhavam:

— «Ainda confio na minhas forças e nas obras que hei-de escrever; mas se algum dia começar a sentir o meu cérebro vazio, ainda me restará alguma coisa a fazer: consagro-me à literatura teatral...». Ao que Alexandre Dumas, embora de relações cortadas, lhe retorquiu sem poder reprimi-lo: «O melhor é começar já!».

Luiz Forjaz Trigueiros, um escritor que rapidamente se impôs como crítico, deixou de ser a seu cargo a página literária desta revista. Dizemo-lo com sincera desgosto, porque Forjaz Trigueiros alia ao seu espírito probo um excelente sentido literário que nos apraz registrar. Os afazeres e a saúde do nosso ilustre colaborador não lhe consentem, todavia, dar a esta página a regularidade indispensável. Daí, o não lhe ser possível continuar esse trabalho crítico que tanto valorizou as nossas páginas. Evidentemente, Luiz Forjaz Trigueiros continua a ser um amigo nosso e um colaborador benévolo sempre que nos queira dar o prazer da sua colaboração.

O dr. Alvaro Salema, um novo que tem já um largo caminho firmado em páginas da «Seara Novas» e outras publicações, inicia hoje a sua colaboração na nossa revista. Passa a dirigir esta página, e vai fazer-lhe, temos a certeza, com a brilho e excelente sentido crítico que já todos lhe conhecemos.

## 10 MINUTOS COM ANTONIO SERGIO



**P**EDAGOGISTA, historiógrafo e crítico a quem não é estranho nenhum dos grandes problemas de idéias da nossa época, António Sérgio tem na cultura portuguesa um papel que, por ser dos mais discutidos, ninguém lhe recusa ser dos mais altos. Foi o único pensador de nível verdadeiramente europeu que o nosso país revelou neste século.

O conhecimento das obras em que trabalha constitui para o público assunto do maior interesse:

— Que faço ou preparo agora? Numa nova edição das obras de Antero — sistematicamente dispostas, prefaciadas e comentadas por mim. Já apareceram, como sabe, dois volumes: o dos *Sonetos* e o das *Odes Modernas*. Em poucos dias sairá o terceiro, com as *Primaveras Românticas*. E é tudo que de poesia incluirei na edição, quero dizer: os poemas que o próprio autor fez aparecer em livro. Será fora da minha edição, por conseguinte, que o editor de Antero, sr. Couto Martins, nos dará uma nova impressão dos *Raios de Extinta Luz*.

— E as *Primaveras*: muito comentadas, também?

— O primeiro volume, o dos *Sonetos*, exigia muito maior proporção de páginas dedicadas ao comentário do que os dois seguintes, porque Antero exprimi na forma do soneto aquela parte do seu pensamento que mais exagorou e discussão suscitou; porque, sendo os sonetos poemas muito

mais pequenos, fica maior, proporcionalmente, a extensão do comentário; e, enfim, porque não poucos poemas das *Primaveras* e das *Odes* são sonetos que passaram para o tómo dos *Sonetos*. Porém, uma das notas das *Primaveras* é muito extensa: aquela em que me proponho reputar a tese da influência de Baudelaire em Antero, que tem sido afirmada nestes últimos tempos e que a mim me parece inteiramente ilusória.

— E as prosas?

— As prosas virão mais tarde, em três volumes. Um com os escritos do tema literário ou estético; outro com os de assunto político ou social; e o terceiro, finalmente, com os de doutrina filosófica. Não incluirei os artigos de sonenos valor que figuram na existente edição das *Prosas*. Multíssimo bem fizeram os que os collectionaram nessa primeira edição, para que os eruditos os possam consultar, quando lhes for preciso; mas afigura-se-me que basta que se encontrem aí. Em compensação, porei, em cada um dos três volumes de prosas os trechos das cartas do nosso Quental que tratam de temas do respectivo assunto: Literário-estético, político-social, ou filosófico... Antes, porém, de trabalhar na edição das *Prosas*, terei de traduzir e prefaciar, para a Editorial Inquérito, os *Diálogos de Hila e Filonnis*, de Berkeley. Destina-se esta tradução a uma série de Livros de filosofia que a mesma Editorial Inquérito vai lançar.



## MILÚ TEM BOM CORAÇÃO

caiu de surpresa e muitos pensaram que se tratava apenas dum golpe de publicidade imaginado pelo Artur Duarte para a «Menina da Rádio».

Mas o tempo passou e a suposição de que Milú ia casar na verdade... foi-se avolumando no espírito dos seus admiradores.

Então perguntava-se: «Quem seria ele?», «Rico, com toda a certeza?», «Um milionário português?», «Alguém estrangeiro de vulto?».

E, aos poucos, foi-se sabendo... Era português, novo, apresentável, sem riquezas, sem títulos.

Os admiradores da Milú ficaram boquiabertos. Que estranho amor seria aquele por causa do qual a vedeta renunciava à sua brilhante e triunfal carreira de artista? Que enigma especial teria esse portuguêszinho simples para dominar a Milú por completo, ao ponto de lhe usurpar um futuro excepcional?

Por ora, as respostas a essas duas perguntas mantêm-se revestidas de mistério. Os amadores de enigmas dedicam-se a decifrar a charada... Outros, mais cépticos, encolhem os ombros e aguardam flegmáticamente os acontecimentos. Parece que não acreditam...

Alguns ainda levam o caso para a frotia. Insinuam com malícia que, assim como houve na America um «senhor Mariéne», e em França um «senhor Darrioux», vai haver em Portugal um «senhor Milú»...

De qualquer maneira, porém, a Milú continua a ser uma rapariga simpática e gentil. Uma rapariga que tem bom coração!

**N**ÓS vamos contar para que toda a gente saiba. Na passada noite de 6 de Novembro realizou-se, no Casino do Estoril, a «Noite de Outono». Festa sensacional, com a colaboração dos artistas mais queridos do público, destinava-se a angariar fundos para a «Casa do Ardinas», simpática iniciativa do «Diário Popular». Anunciavam-nos nomes... Falava-se de Maria da Graça, de Maria Gabriela, das irmãs Remartinez, da orquestra típica de Belo Marques, de Maria Domingas, etc. Magníficos atractivos sem dívida alguma.

E o Casino encheu-se. Genie que ia ajudar a construir a «Casa do Ardinas». E divertiu-se também. Mas à última hora começaram a correr boatos. Boatos aborrecidos. Dizia-se que Maria da Graça e Maria Gabriela não podiam comparecer. E a notícia trouxe um ar de pena aos semblantes alegres dos que andavam pelos salões do Casino.

Foi apenas um instante. Logo surgiu a boa nova. A Milú acedera em vir colaborar na «Noite de Outono». Mesmo convidada em última instância, Milú não recusara auxiliar os ardinas da capital com o seu sorriso cativante, e a sua voz encantadora.

Provava-se assim, mais uma vez, que a Milú tinha bom coração. O público compreendeu e acarinhou-a em aplausos quasi infundáveis. Aliás, o público sabia que Milú dava as despedidas...

Sim, porque ela vai casar. Pouco depois de regressar de Espanha, onde interpreta a protagonista de «Douze luas de mel», anunciou-se o seu casamento para muito breve. A notícia



## QUAL É O LOCUTOR PREFERIDO PELOS LOCUTORES?

**E**IS uma pergunta curiosa e simples que nos propusemos fazer a alguns dos nossos mais populares locutores, tanto amadores como profissionais.

Em todas as estações, o nosso li-songeiro inquirido foi acolhido com a máxima gentileza. Eis os seus resultados:

**Lança Moreira**, (R. C. P.) — Prefiro o Silva Pinto, pela sua boa dicção e porque não é afectado, impondo, portanto, a sua personalidade.

**Silva Pinto**, (R. C. P.) — O meu locutor predilecto é o Lança Moreira. Sóbrio, sem floreos desnecessários representa, para mim, o locutor perfeito.

**Costa Pais**, (R. S. Mamede) — Pouco escuto a rádio nacional... Mas, enfim, talvez prefira a voz de Maria de Rezende.

**José Castelo**, (R. Renascença) — Se tenho de optar por um, escolho João da Câmara, pois acho-o muito correcto, muito culto e possui além duma voz excelente, um a-vontade especial.

**Mário Ferreira**, (R. Peninsular) — Não, não tenho preferidos... Agora quasi não ouço rádio e mesmo quando ouvia não tinha nenhum locutor preferido...

**Joel Santana**, (C. Radiofónico) — Dos meus colegas, tenho preferência pelo Artur Agostinho. Acho-o superior a todos os outros.

**Júlio de Seabra Ribeiro**, (R. Luso) — Oh, incontestavelmente o meu locutor favorito é João da Câmara, pela sua cultura e pela sua sobriedade.

**Alberto Santos**, (R. Graça) — Não posso responder a essa pergunta, porque sou locutor.

**Américo Santos**, (R. Graça) — O quê? Um inquirido assim? Então os locutores é que indicam o locutor preferido? Acho impróprio!...

## ESTA REVISTA VAI VENDER-SE AVULSO, A ESC. 1\$50!

Uma prevenção ao leitor: a partir do próximo número, esta revista vender-se-á, avulso, a 1\$50! Custa-nos tomar esta medida; mas com os nossos novos encargos e com o aumento sempre crescente do custo do papel, das tintas e de outras matérias primas, tem que ser! O leitor, porém, vai ajudar-nos. Confiemos nêle!

## ARTUR HONEGGER

O famoso compositor suíço, a quem se devem essas extraordinárias aventuras do rei «Pansole», que fizeram mais de 400 representações nos «Bouffes-Parisiens» e o vigoroso «Pacífico 231», além de muitas outras já célebres composições — acaba de maravilhar os seus admiradores portugueses com os concertos que dirigiu no Teatro de S. Carlos.

## À ESCUTA

— Há alguns dos nossos locutores que apresentam programas de canções inglesas, onde figura, por exemplo, a voz de... Judy Garland. Outros anunciam-nos música americana e dão-nos, de mistura, orquestras inglesas. Questão de geografia a menos ou de negligência a mais?

— Falou-se muito em Teatro Radiofónico. Voltou-se a falar muito em Teatro Radiofónico. Mas... até hoje, esse Teatro Radiofónico, verdadeiro, a sério, ainda não apareceu. Talvez espere pela amanhã de nevoeiros...

— Louis Murphy, uma das mais conhecidas educadoras norte-americanas demonstrou através dum inquérito bem conduzido que as crianças gostam, imenso das composições de Beethoven e de Strauss.

— A Emissora tem-nos oferecido, ultimamente, bons programas organizados com inteligência e espirito. É pena, porém, aparecerem sempre os mesmos nomes como organizadores dos bons programas...

— Agora a Maria Domingas trocou o cinema pela rádio. É a sua segunda troca. A primeira foi do teatro pelo cinema. Então, Maria Domingas, em que é que ficamos?

— O que vai fazer o Arménio? — é uma das perguntas correntes dos ouvintes de rádio. Sim, porque o Oscar de Lemos vai a Espanha para filmar e o Arménio fica sózinho. Que vai fazer o Arménio?

— Fala-se que Maria Gabriela vai ser convidada para protagonista dum grande filme musical...

REPÓRTER 2

## RAPARIGAS! Uma sugestão para vocês!

**A** Rádio conquistou as raparigas portuguesas, eis uma verdade bem evidente. Já temos as irmãs Santos, as irmãs Meireles, as irmãs Remartinez e várias outras boas artistas que não são irmãs, como a Judite de Castro, a Maria Gabriela, a Maria da Graça, etc.

Um firmamento cheio de estrelas. E, a propósito disto, preguntamos a nós próprios porque não existe em Portugal uma orquestra feminina de rádio, tão graciosa e tão bela como a que apresentamos nesta foto.

Servirá esta sugestão para alguma coisa, raparigas apaixonadas pela rádio?



### O "CASO LEVY" E A BOA ESTRÉLA DE SOUSA

O desfecho do combate Ferrer-Beny Levy tem dado margem a larga controvérsia, constituindo, até certo ponto, uma desilusão para os que viram no campeão português uma classe excepcional — e quasi um dom de invencibilidade!

Por estarmos à margem de confrarias e tertúlias, temos naturalmente um critério divergente quanto ao caso Levy.

Em primeiro lugar, respondamos à pergunta: Levy tem ou não valor?... Tem! As suas qualidades de resistência são, de facto, reais. Demonstrou-as em mais de uma luta e ainda agora em Barcelona vieram à superfície de maneira impressionante. O português esteve em dificuldades sérias, manteve-se cambaleante três ou quatro rounds, suportando arremetidas furiosas de Ferrer — que batia em todos os sentidos — conseguiu atingir os dez assaltos massacrado mas de pé!... Mão inactiva num pugilista equivale a uma condenação irremediável. Render jus à coragem e capacidade de suportar de Levy é elementar dever. Não se pode, porém, confinar na resistência física a análise ao mérito dum pugilista. Beny Levy desde a sua chegada de Lourenço Marques progrediu, tecnicamente, alguma coisa. Mas não o suficiente para que o possamos considerar um chors-classes. Opuseram-lhe adversários de diversos graus de merecimento. Com mais ou menos dificuldades, Levy transpô-los vitoriosamente. O seu vencedor de agora baixou bandeira em Lisboa, num combate curioso, diferindo do de Barcelona por duas razões: melhor estado físico de Levy e o factor ambiente! Se este é de ponderar, ainda que não chegue para justificar todos os desaires, aquêle é fundamental. Nos primeiros meses da sua estadia em Lisboa, Beny Levy pôde manter uma «forma» física apurada. Depois succedeu-lhe, mercê do cortejo de aduladores e profissionais de encómios que rodeiam os chamados ídolos, o mesmo por que passaram Horácio Velha, António Rodrigues, Aníbal Prior e outros. Inicialmente, conservam-se ímunes a prazeres e devaneios. A popularidade arranca-os à pacatez e burguesia, força-os a palmilhar caminhos que o desporto repudia quando tem de ser praticado com finalidade profissional. As consequências não se fazem geralmente demorar. E quando se pensa arrear terreno é tarde ou extremamente difícil.

A «forma» física de Levy oscillou bastante. A derrota em Barcelona contra Peiró, por ser a primeira, tam-

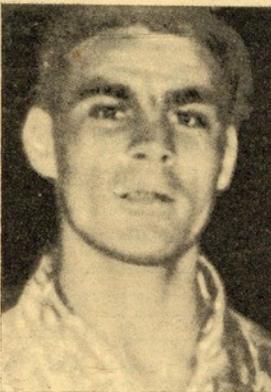
bém o abalou moralmente. A «revanche» no Campo Grande reconfortou-o. Mas quer-nos parecer que, nesta nova digressão, o campeão português não ia totalmente em condições. Lemos que tem assentes mais algumas lutas. Não será cortar uma carreira interessante?

Recomponha-se moral e fisicamente Levy, procure profundar mais intimamente os segredos do «boxing», liberte-se de parasitas aduladores e não se recete pela sua sorte.

Nestas linhas não deverá esquecer-se Augusto Sousa. Além de mérito e outros aributos indispensáveis, para tudo na vida é preciso sorte. A pouca felicidade de Sousa em «rings» portugueses, que originou um sentimento de desconfiança no público, tem sido largamente contrabalançada em «rings» espanhóis. A fulminante vitória sobre Martínez Peralez lançou-o. E o combate último, na mesma sessão das Arenas, em que Levy perdeu, confirmou que a boa estrela o fará permanecer no país vizinho, solicitado para novos combates.

O que são as coisas: o prestígio de Levy, grande em Portugal, não vingou em Espanha por ora; a pouca notoriedade de Sousa intra-muros transformou-se em aura num meio exigente e conhecedor!

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Que é lá! Parece que ninguém se vai salvar... Mas, por fim, o árbitro apita e tudo volta à normalidade. O jogo continua. Entretanto, um fotógrafo ousado, na Suíça, conseguiu tirar esta foto — que não é de boje. Parece anti-diluviana — em relação à idade do futebol: foi tirada há 20 anos...



## MOURÃO só fará mais um desafio!

A notícia de que Adolfo Mourão voltaria a jogar, causou compreensível sensação. Revelou-se uma vez mais a dedicação do valoroso internacional pelo seu clube de sempre.

Mourão pusera, porém, condições, disse-se: voltaria absolutamente amador, para não cair em atitudes de abandono e regresso, tidas em tempos por outros jogadores. Faria os jogos em Lisboa considerados mais importantes e não sairia da capital em circunstância alguma.

Houve a impressão de que tudo estava assente. O científico extremo-direito reapareceria em breve, talvez no jogo da 2.ª volta contra o Belenenses. Mourão treinou ontem — annunciou-se. Afinal, passou-se a partida com os azuis, já lá vão mais duas e Mourão não apareceu. Dando largas ao seu espirito inventivo e fantasista, os boateiros espanejaram-se...

Jogaram-se hipóteses curiosas e atrevidas sobre o não reaparecimento de Mourão. Regressa ou não regressa? A esta pergunta, éle próprio responde:

— Não voltarei a alinhar. É certo que fiz dois treinos, é certo que a medalha oferecida pelo Sporting tem como legenda: «Do Sporting a Mourão — Homenagem sim, despedida não» — que justificaria sem escândalo o meu regresso acidental, e demais sem receber um centavo. Mas reflecti melhor.

O trabalho absorve-me. Contraí responsabilidades que não posso esquecer. Depois, tecnicamente, a minha colaboração, dada a espaços, não resolve o problema do grupo, que se manteria em aberto mais tempo, quando necessita duma solução tanto quanto possível definitiva. Por isso, meu caro, o Mourão, como futebolista, acabou. Só calçarei botas para brincar; a valer, devo jogar pela última vez no dia 1 de Dezembro...

— No dia 1?

— Sim. Na festa de despedida do Manuel Soeiro, belo camarada, ao qual não quero deixar de prestar a minha solidariedade e colaboração. Estarei presente nesse dia, num desafio contra o Benfica...

Eis, portanto, definido o «caso Mourão», e destruídas tôdas as balelas postas a circular desenfreadamente pelos «mentideros» da bola!

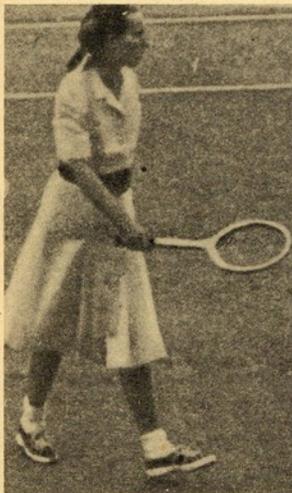
## DAQUI E DALI...

Realizam-se esta época os encontros de futebol Lisboa-Sevilha. O realce da «Toboa» foi castigada pela Federação Portuguesa de Box, com seis meses de suspensão, removel na multa de cinco mil escudos, como sanção contra as ocorrências havidas na Praça do Campo Pequeno...

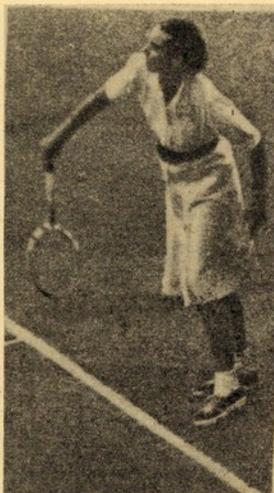
Levy voltou a perder em Barcelona... Segundo parece, além do percalço sofrido no 5.º assalto, as suas condições físicas não eram as melhores... Nem moralmente, o campeão português ganhou...

O Lisboa Ginásio Clube iniciou as comemorações das suas bodas de prata, na última semana, e que se prolongarão durante o ano desportivo

Deve embarcar no primeiro vapor, o caboverdeano Rookie, considerado a «maravilha» da Colônia, que vem consignado ao Sporting.



Maria José, princesa de Piemonte, refugiada na Suíça, depois do seu passeio matinal, em companhia do secretário Nardi, recebe lições de tennis. Uma máxima inglesa em realização: tempo é dinheiro — toca a aproveitar o repouso...



# EXPOSIÇÃO SUÍÇA

NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO • LISBOA •

Calendografo  
MOSTRA A HORA E A DATA

**MOVADO**

165  
PRIMEIROS  
PREMIOS

MÁQUINAS DE ESCRIVER  
**HERMES**

A MARCA SUÍÇA DE FAMA MUNDIAL  
A MÁQUINA DE ESCRIVER MAIS POPULAR EM PORTUGAL

REPRESENTANTE: M. SIMÕES S.A. 2.ª CONDIÇÃO 46-1.ª LISBOA - TEL. 21672

GRANDFONES ELECTRICOS  
**paillard**

REPRESENTANTE: M. SIMÕES S.A. 2.ª CONDIÇÃO 46-1.ª LISBOA - TEL. 21672

APARELHOS INDISPENSÁVEIS A UM BOM APARELHO DE RADIO - REPRODUÇÃO ADMIRÁVEL DA MÚSICA EM DISCOS

A MARCA DA SATISFAÇÃO

**Radio paillard**

RECEÇÃO ADMIRÁVEL EM ONDAS CURTAS

REPRESENTANTE: M. SIMÕES S.A. 2.ª CONDIÇÃO 46-1.ª LISBOA - TEL. 21672

APARELHOS DE CINEMA DE AMADOR

**PAILLARD**

A MARCA DOS CONHECIDOS OS APARELHOS MAIS COMPLETOS E PERFEITOS PARA AMADORES

REPRESENTANTE: M. SIMÕES S.A. 2.ª CONDIÇÃO 46-1.ª LISBOA - TEL. 21672

O RELÓGIO DE PRECISÃO PROTEGIDA E INDECEIVEL

**ETERNA**  
CASA FUNDADA EM 1888

NAS BOAS CASAS

REPRESENTANTE: M. SIMÕES S.A. 2.ª CONDIÇÃO 46-1.ª LISBOA - TEL. 21672

COMO SE MANEJA UM MODERNO

**Allegro**

QUE FAZ DURAR UMA LAMINA INDEFINIDAMENTE

Um Allegro, paga-se com a ECONOMIA OBITA

**OVOMALTINE**

Uma chavena de **ovomaltine** DIARIAMENTE FAZ BEM A TODOS. QUENTE, FAZ UM PEQUENO ALMOÇO BEUOSO. FRIA, UM REFRESCO RECONFORTANTE

VENDIDA 2 BAZ OVOMALTINE - EXPOSIÇÃO SUÍÇA, ATE 14 DE NOVEMBRO



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXII - a guerra no ar e no mar

O ÚLTIMO TRIMESTRE DE 1942

SOB muitos pontos de vista, o prosseguimento da guerra aérea por parte dos Aliados contra o Reich, a Itália e os países ocupados, durante o último trimestre de 1942, constituiu um motivo de descontentamento para todos aqueles que esperavam resultados decisivos da intensificação dos bombardeamentos prosseguidos em escala idêntica à daqueles que haviam sido realizados por formações de mil aparelhos contra as cidades de Colónia e de Essen e por formações de centenas de aparelhos contra as regiões industriais do Ruhr e dos portos.

Os partidários da guerra aérea total e da estratégia dos bombardeamentos

viram as suas convicções profundamente afectadas pelas necessidades militares imediatas que levaram a distrair um grande número de bombardeiros pesados para as frentes do Mediterrâneo, da África e do Próximo Oriente, ao mesmo tempo que a intensificação do auxílio à Rússia e à China desfalca, em proporções imprevisíveis, as reservas de aparelhos inicialmente destinados a atacar, em vôos diurnos e nocturnos, o território do Reich e dos países ocupados.

Esses elementos negativos fizeram sentir a sua influência ao mesmo tempo que as condições atmosféricas na Europa continental se tornavam cada vez mais desfavoráveis. Os «raids» começaram a tornar-se excessivamente custosos quando se consideravam os seus resultados positivos. E este facto não era tanto consequência da melhoria das condições defensivas nos países atacados, pois o caso da Alemanha a esse respeito devia considerar-se particularmente significativo, mas sobretudo dos progressos da técnica defensiva e das condições desfavoráveis do tempo.

A necessidade que se fez sentir para os chefes da Luftwaffe de enviarem para a frente russa, para os territórios ocupados e para a Itália uma parte importante da sua artilharia anti-aérea e da sua aviação de caça, diminuiu de maneira apreciável o potencial do Reich para a defesa do seu próprio território; mas esta circunstância favorável não pôde ser explorada pelas Nações Unidas pelos motivos que resumidamente ficam acima expostos.

### O PROBLEMA DA PRODUÇÃO ALEMÃ

Era convicção geral entre os povos britânico e norte-americano que a produção de guerra diminuiria de maneira constante no Reich, em consequência dos bombardeamentos aéreos. O Ministério da Guerra Económica revelou factos elucidativos e publicou números duma incontestável significação em reforço desta tese. Mas a verdade é que a opinião pública nos dois países não se sentia suficientemente reconfortada pelos factos e pelos números revelados. Essa opinião pública era particularmente sensível ao aspecto catastrófico da produção em grande escala de submarinos que continuavam a atacar as rotas marítimas em cardumes impedindo o transporte, nas proporções desejadas, de homens e de material de guerra entre as duas costas do Atlântico.

A R. A. F. atacara incessantemente os estaleiros de construção de submarinos, as fábricas onde se produziam as peças necessárias à sua acção e os portos onde eles se reuniam ou se abasteciam. Isso não impedira que, ao fim de alguns meses de bombardeamentos consecutivos, os afundamentos continuassem a cifrar-se em centenas de milhares de toneladas. O único factor de satisfação que os partidários dos ataques aéreos em massa encontravam, para contrabalançar os argumentos dos seus adversários na realização duma estratégia concertada em que à aviação estava reservado um papel predominante, era o resultado evidente da acção aérea sobre os centros industriais do norte da Itália e sobre a população italiana.

As cidades de Milão, Turim, Genova e Nápoles tinham sido atacadas incessantemente. Estes ataques deviam, de preferência, incluir-se no quadro geral da campanha de África e do Mediterrâneo, a considerar-se como parte integrante da aplicação das doutrinas do major Seversky e dos adeptos da sua escola na Grã-Bretanha. Os Aliados, como o Reich, voltavam a usar a aviação como arma de combate, abandonando o seu critério tradicional que os levava a considerá-la, depois da batalha da Inglaterra, como uma arma de bloqueio.

### UM PERÍODO DE CALMA RELATIVA

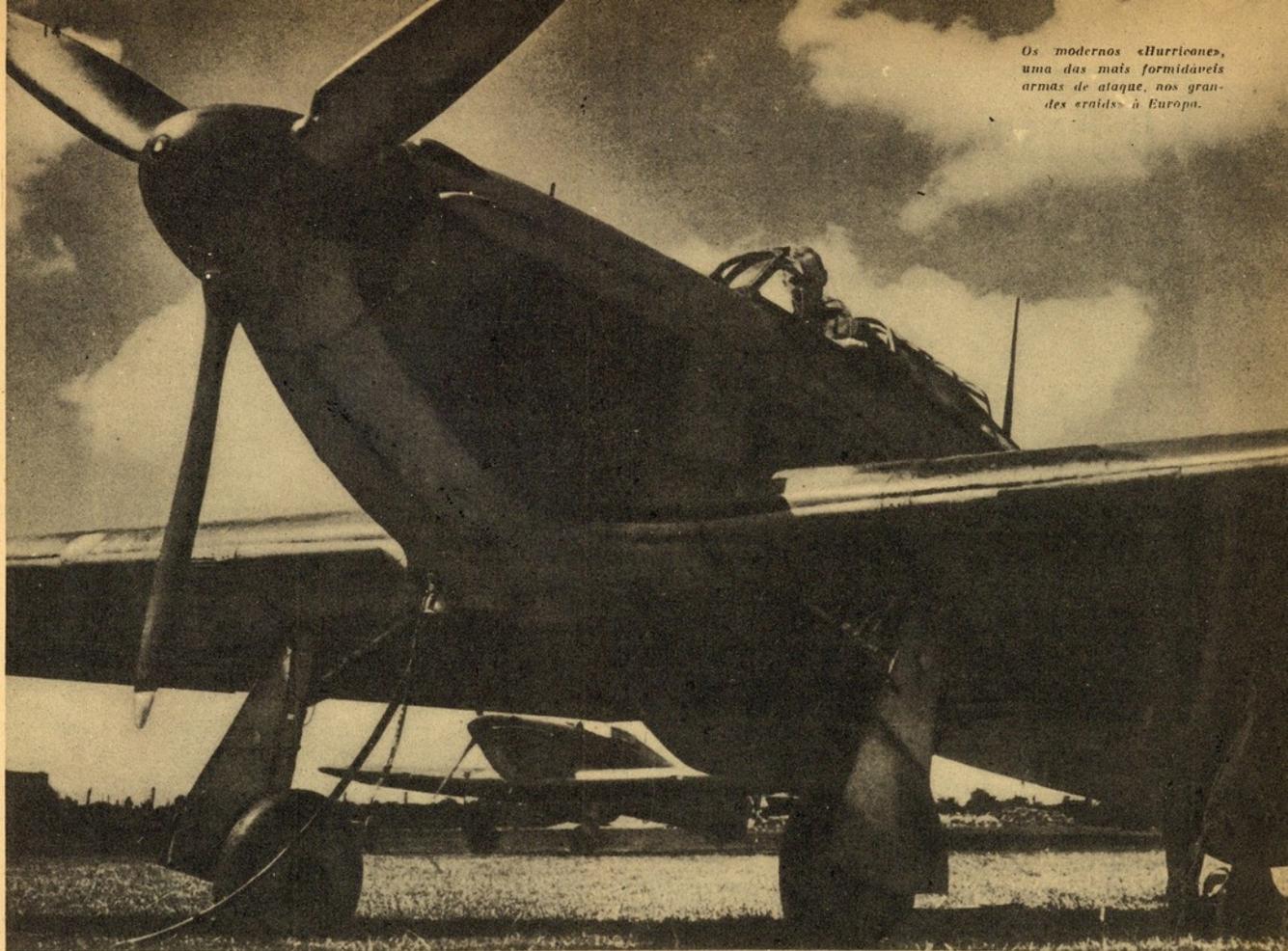
Durante o período a que nos estamos reportando, a ofensiva da aviação anglo-americana consistiu, essencialmente, nos ataques ao sistema ferroviário do Reich, da França e dos outros países ocupados. As «Fortalezas Voadoras» revelaram-se particularmente eficientes neste género de combates, defrontando, com êxito, as formações de caças alemães que tentavam barrar-lhes o caminho. O aparecimento de novos modelos de aparelhos ingleses e americanos confirmou a superioridade já anteriormente afirmada da construção aeronáutica anglo-americana em relação à produção dos países do Eixo.

Os ataques à navegação alemã, ao longo do litoral europeu, tornaram-se menos frequentes, como consequência das condições atmosféricas desfavoráveis nos mares estreitos. Em compensação, o Comando Costeiro intensificou a sua actividade na luta contra os submarinos, os quais passaram a ser afundados em maior número. Foi graças à sua acção que as imediações do litoral britânico, até aí consideradas como particularmente arriscadas, passaram a ficar praticamente livres, ao mesmo tempo que se criavam as possibilidades para enviar uma expedição gigantesca ao Norte de África sem que tivesse sido afundado um só dos navios que a compunha.

Logo nos primeiros dias de Outubro, a R. A. F. insistiu nos seus ataques concentrados aos estaleiros de Flensburg e a outros objectivos militares no litoral do Báltico. Nesta operação a aviação britânica perdeu dezasseis aparelhos. Nas noites seguintes verificaram-se dois ataques concentrados a Krefeld e a Osnabruck, durante

Já só de longe em longe os subterrâneos de Londres nos davam destes aspectos. O perigo dos ataques alemães tinha passado e os abrigos quasi não eram precisos para as crianças londrinas.

Os modernos «Hurricanes»,  
uma das mais formidáveis  
armas de ataque, nos gran-  
des «raids» à Europa.



os quais se perderam mais sete aparelhos. A primeira quinzena de Outubro terminou com um bombardeamento de Colónia realizado por uma formação poderosa. A perda de dezoito bombardeiros, explicada posteriormente por uma súbita alteração das condições atmosféricas, somando-se às perdas anteriores, produziu uma impressão desfavorável nos meios aeronáuticos dos dois países.

## A ALEMANHA BOMBARDEADA

No dia 21 de Outubro, realizaram-se ataques diurnos prolongados numa grande extensão do território do Reich, levados a cabo principalmente por formações de «Mosquitos». Nos dois dias seguintes, grandes formações de «Wellingtons» atacaram o Ruhr. O redactor aeronáutico do *Times* afirmou nessa altura que, pelo menos seis das dezasseis grandes instalações industriais para a fabricação do aço, tinham sido inutilizadas.

A indústria alemã começou a praticar em larga escala o método das instalações subterrâneas e das transferências de instalações para os pontos menos vulneráveis aos ataques aéreos, especialmente para a Prússia Oriental, para a Silésia e para a Áustria. Ao mesmo tempo foi dado um grande desenvolvimento às fábricas de material de guerra instaladas na Polónia e na Áustria. As fábricas Skoda foi dado um lugar de primeiro plano no conjunto da produção de guerra do Reich, o que determinou a necessidade de modificar as condições em que se fazia a vida corrente na região da Boémia e estabelecer, em bases diferentes, o sistema de relações entre o Protectorado da Chéquia e o Reich.

Entretanto, era evidente que estas transferências não podiam remediar completamente as deficiências provocadas pelo estado de coisas criado nas zonas industriais da Renânia e do Ruhr. O valor destas regiões dependia, fundamentalmente, da circunstância de haver nelas simultaneamente grandes quantidades de ferro e de carvão e de esses dois produtos serem precisamente de excelentes qualidade para a fabricação dos aços empregados em larga escala na fabricação dos armamentos modernos.

Era esta, de resto, a razão fundamental que fizera delas o alvo preferido dos ataques maciços da aviação britânica. Só a necessidade imperativa de acelerar o ritmo das operações militares na área do Mediterrâneo e no Norte de África, fizera com que a intensidade desses bombardeamentos diminuísse com a aproximação do inverno. Mas os seus resultados, embora não pudessem considerar-se definitivos e decisivos, eram porém já nessa altura suficientemente extensos e profundos para justificarem as transferências de instalações industriais para os pontos distantes do território da Alemanha.

## OS ATAQUES À ÁREA DOS PAÍSES OCUPADOS

O último ataque de certa envergadura realizado nos últimos dias de Outubro, foi contra a cidade de Flensburg. Uma poderosa formação de bombardeiros ligeiros deixou cair sobre aquela cidade alemã as suas cargas, voando muito baixo. Novembro foi um mês durante o qual pode dizer-se que, praticamente, cessaram os ataques aéreos ao território do Reich. Em compensação as cidades industriais

do norte da Itália foram freqüentemente visitadas. Sobre o território alemão realizaram-se apenas dois ataques de relativa importância, um contra Hamburgo e outro contra Stuttgart, na noite de 22 para 23.

Dezembro viu os seus primeiros dias assinalados por um ataque de grande envergadura contra Francfort. No dia 2, a Renânia voltou a ser visitada com efeitos apreciáveis. Nos dias seguintes, a acção da R. A. F. começou a fazer-se sentir, com particular intensidade, sobre os territórios dos países ocupados, especialmente a França e os Países Baixos. No dia 7, o canal Dortmund-Ems foi atingido em algumas das suas principais secções, o que contribuiu para diminuir o seu rendimento normal durante algum tempo.

Um ataque a Duisberg, na noite de 20 para 21, não teve grandes consequências, devendo considerar-se como normal. Em compensação um «raid» realizado contra Munich, nos últimos dias daquele mês, custou à aviação britânica perdas sensíveis provocadas pela intervenção oportuna de formações poderosas de Ju 88 e Me. 110. A véspera do dia de Ano Novo foi assinalada pela realização de ataques dispersos sobre uma grande extensão da superfície do Reich. Este facto mostrava até que ponto os dois adversários consideravam a importância da guerra aérea para a decisão da luta em que se encontravam empenhados.

## UMA SÉRIE DE «RAIDS» AÉREOS

De resto, os ataques à área dos países ocupados constituíam uma longa série que convém registar neste lugar. Em 2 de Outubro, esquadrilhas de aviadores britânicos, neo-zelandeses, canadianos, polacos, belgas e americanos, num total de quatrocentos aparelhos, entre os quais figuravam algumas dezenas de «Fortalezas Voadoras», atacaram toda a região compreendida entre o Havre e Nieuport. A Luftwaffe travou com os aviões aliados numerosos combates que se liquidaram com perdas sensíveis para os dois lados.

Em 9 de Outubro, uma formação de mais de cem bombardeiros americanos atacou as fábricas de locomotivas de Lille e as vias de comunicação do norte da França. A intervenção renovada da aviação de caça alemã pôs à prova a qualidade excepcional dos aviões de bombardeamento americanos para esse género de combates. Apesar de considerarem duvidosos os relatórios de alguns observadores, as autoridades aeronáuticas aliadas chegaram à conclusão de que essas qualidades tinham introduzido um factor novo de incalculável importância no domínio da guerra aérea. O desenvolvimento das operações não serviu senão para confirmar esta convicção fundamentada nos factos.

Em 11 de Outubro, os bombardeiros aliados atacaram, em força, o norte da França e em 15 o porto do Havre foi objecto dum ataque concentrado. Vinte e quatro horas depois, realizou-se o mais importante ataque planeado contra as fábricas de fundição e armamentos do Creusot. O ataque foi realizado por uma poderosa formação de «Lancasters», os quais tiveram de percorrer mais de mil e quinhentos quilómetros sobre território inimigo. A exactidão com que este «raid» foi executado (no decurso dele perdeu-se apenas um dos aparelhos atacantes) deu lugar a que o ministro da Aeronáutica da Grã-Bretanha enviasse um expressivo telegrama de felicitações ao marechal do Ar, Harris. Em Novembro e Dezembro, os «raids» sobre os países ocupados continuaram com as características gerais assinaladas para este período da guerra aérea.

(Continua na pág. 20)

# O COSTA DO CASTELO A COSTUREIRINHA DA SÉ



Os últimos grandes  
sucessos do cinema  
e teatro musicado em  
**2 DISCOS GRAVADOS**  
PELAS SUAS CRIADORAS

„ Milú „

Maria Clara

Parl. Cantiga da rua  
DP 18 A minha casinha

{ Solo, Côro  
e Orquestra

Parl. DP 19  
Canção da Costureirinha  
Um adeus que me esqueceu

{ Solo, Côro  
e Orquestra

À venda nos;  
ESTABELECIMENTOS

**VALENTIM DE CARVALHO**

Rua Nova do Almada, 97



# VIDA MUNDIAL ACONSELHA

## UMA PEÇA

«Os vizinhos do rés-do-chão, no Teatro Variedades».

Eis a melhor peça no cartaz desta semana. Sobretudo pelo esplêndido trabalho de Erico Braga, sábio, cheio de naturalidade naquele ingrato papel do operário da cave.

Hortense Rizzo, como criada do casal burguês, teve, igualmente, posição de destaque no conjunto da interpretação.

Uma peça sem defeito? Longe disso. Mas quem se abstrair de certos momentos de irrealidade nítida que pululam na peça, consegue dar o seu tempo por muito bem empregado. E já é muito.

## UM FILME

«A Grande Mentira», pela intensidade dramática do argumento, e pelo excelente desempenho de Bette Davis e de Mary Astor — duas mulheres apaixonadas por George Brent. Excelente realização de Edmund Goulding, sobretudo na primeira metade. Um filme para as mulheres — e que os homens verão com prazer.

## UM CONCERTO

Transmissão dos concertos dirigidos por Arthur Honegger, no Teatro de S. Carlos. — Não deixe de escutar os dois últimos concertos do célebre compositor suíço, um dos chamados revolucionários da música. Nas noites de 11 e 12 ligue o seu aparelho de rádio para a E. N., e não se arrependerá. Conhecerá uma composição invulgar e um director de orquestra extraordinário.

## DOIS PROGRAMAS

«Música e Palavras» e «Domingo Sonoro» são dois programas da E. N., que primam, geralmente, por uma boa apresentação e por um certo interesse. Realizados com leveza, às vezes com graça e, também, com o sentido da oportunidade — ambos os programas merecem ser ouvidos pelos amantes de rádio.

\* \* \*

O Clube Radiofónico de Portugal e Emissões Atlântico merecem louvores pelas suas tentativas de fugir ao banalismo das nossas estações amadoras.

## História da Guerra

(Continuação da pág. 19)

### OS ATAQUES AÉREOS À GRÃ-BRETANHA

Durante os primeiros dias de Outubro a aviação alemã não fez a sua aparição sobre o território britânico. Apenas no dia 11 alguns aparelhos sobrevoaram a Inglaterra, não tendo causado estragos apreciáveis. Uma semana depois, a Luftwaffe realizou um ataque concentrado na zona do estuário do Tamisa. Em 14 de Outubro, foram visadas as regiões do norte da ilha com particular insistência. Os últimos dias daquele mês viram a realização de novos «raids» levados a cabo por pequenas formações de bombardeiros do



que o povo inglês consentira para fazer às destruições que os bombardeamentos aéreos tinham provocado no seu território.

Entre 1 e 13 de Dezembro, a actividade da aviação alemã sobre a Inglaterra teve um carácter esporádico e local. Nos dias seguintes, essa actividade intensificou-se, especialmente nos dias 16, 17, 18 e 30. Os aparelhos recentes de fabricação alemã, embora tivessem prestado provas incontestavelmente superiores aos modelos antigos durante este período, não podiam rivalizar com os recentes modelos da indústria aeronáutica anglo-americana.

Durante o último trimestre de 1942, as perdas em aviões dos beligerantes foram as seguintes: os alemães perderam 48 aparelhos sobre o território britânico e os ingleses e americanos respectivamente 5 e 1 sobre o território inimigo.



Reich. Num destes ataques os alemães perderam nove dos aparelhos atacantes.

Em 2 de Novembro, o sudoeste da Inglaterra foi violentamente atacado mas no resto do mês não se registaram quaisquer incursões de aparelhos inimigos. No dia 28, registou-se apenas o ataque dum único avião da Luftwaffe a um comboio em Inglaterra. No dia 13 deste mês, o ministro da Saúde da Grã-Bretanha, Ernest Brown, fez uma declaração oficial sobre a extensão dos estragos produzidos no seu país pela guerra aérea. Desde o início das hostilidades, segundo informou o ministro britânico, tinham sido destruídas ou danificadas 2.750.000 casas, das quais tinham sido reconstruídas ou reparadas 2.500.000. Restavam, portanto, para reparar 250.000 casas. Estes números falavam, com suficiente clareza, sobre a extensão do esforço



No final de 1942, registou-se um importante movimento de comandos na R. A. F. O marechal do Ar, Tedder, que até aí desempenhara as funções de comandante chefe da aviação aliada no Mediterrâneo, foi nomeado sub-chefe do Estado Maior da aeronáutica britânica, sob as ordens do marechal do Ar, Portal. Esta nomeação não veio a ser confirmada pelos factos. O marechal do Ar, Tedder, continuou no comando da aviação do Mediterrâneo, onde dirigiu a ofensiva aérea que terminou pela vitória da Tunísia e pela invasão da Itália. Para o comando da aviação aliada no Próximo Oriente, foi nomeado o marechal do Ar, Sir Sholto Douglas. O comando da aviação de caça foi confiado ao marechal do Ar, Leigh Mallory. O marechal do Ar, Joubert de la Ferté foi nomeado inspector geral da Aeronáutica britânica.

# NOTAS DE GUERRA



É orinical, não é verdade? Pois aqui temos a guarnição de um bombardeiro inglês a almoçar na asa de um bombardeiro alemão, abatido em Capodichino.



Na frente leste, as baterias ferroviárias alemãs contra o inimigo, estão prontas para entrar em acção. De repente, uma pequena pressão de êmbolos e alavancas — e a explosão dá-nos um destes magníficos efeitos.



Para que a acção de um exército seja eficiente, no campo de batalha, é necessário que os treinos aturados se revistam da maior realidade. Na Inglaterra oriental, de olhos vendados, para que pareça noite, soldados ingleses treinam-se em presença de Jorge VI, que se vê ao fundo na foto.



Nantes foi recentemente bombardeada pela aviação aliada. A população civil, sem abrigo, quando ficou com as casas destruídas, teve de vir para a rua. As ruínas fumegantes são agora a sua trágica morada.



**G**ENERAL MARK W. CLARK — estruturalmente um bom soldado, filho de um outro grande soldado. Tem apenas 46 anos — mas isso não impediu que já em 1918 fôsse ferido durante a outra Grande Guerra, quando esteve em França. Primeiro a América — depois o mundo inteiro — considerou-o um grande perito no emprego de exércitos de infantaria. Foi chefe do Estado Maior das forças terrestres, no seu país. E quando a América entrou na guerra — nomearam-no comandante das forças terrestres americanas, em operações no teatro europeu. Passou depois para o Norte de África, onde foi o comandante supremo dos mesmos exércitos, encontrando-se presentemente em Itália, à frente do 5.º exército que desembarcou em Salerno em condições particularmente difíceis. Hoje, os soldados do General Clark marcham a par do 8.º exército inglês a caminho de Roma e aprontam-se para a conquista da Itália. Oficial brioso, destemido e inteligente — a pátria reconheceu-lhe o mérito, distinguiu-o com a Ordem do Coração de Púrpura, que é uma das mais altas condecorações americanas.

(Caricatura de Santana)



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LÍNGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

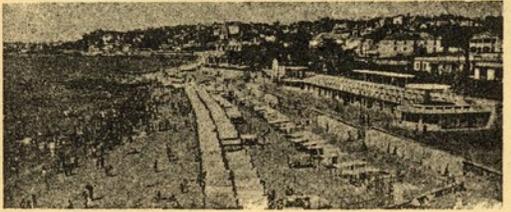
Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEO	19,6
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEA	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a	21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)		
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. B. C. das 18,45 às 19 horas na frequência de 48,43 m., 41,96 m., 31,41 m. e 25,09 m.

**EMISSÕES DIÁRIAS**

**OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA**

**ESTORIL  
COSTA DO SOL**



**A MAIS ELEGANTE PRAIA DO PAÍS**

- ESTORIL PALÁCIO HOTEL — Luxuoso e confortável — Magnífica situação
- HOTEL DO PARQUE — Elegante e moderno
- HOTEL DE ITALIA — Preços moderados
- ESTORIL — TERMAS — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico. Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas. PISCINA de água tépida.
- TAMARIZ — Magníficas esplanadas sôbre o mar
- CASINO — Restaurante — Bars.
- Aberto todo o ano
- Concertos — Cinema — «Dancing»
- Restaurante — Bars
- Jogos autorizados pelo Governo
- Rolêta — Banca Francesa — Bacará

«STANDS» DE TIRO — ESCOLA DE EQUITAÇÃO PARQUE INFANTIL

**INFORMAÇÕES:**

*Sociedade Propaganda da Costa do Sol*  
ESTORIL — PORTUGAL

**PAPYRUS**

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelarias e Tipografias  
Depósito geral:  
**Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)**  
Rua dos Correiros, 70  
LISBOA  
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

Ai que la me esqueci...



**de comprar o CASULO LIMPA FATOS !!**

Não volte atrás: arrisca-se a perder o combóio. Está à venda nos melhores estabelecimentos de tôdas as cidades e vilas do País.

Para quem ainda não conhece o maravilhoso CASULO LIMPA FATOS, informamos que é um produto novo, em cujo fabrico e composição entram seis substâncias químicas, inofensivas, que conserva os tecidos e dá aos fatos velhos o aspecto de novos. Desinfecta, tira o lustro e as nódoas e o mau cheiro dos fatos com muito uso. Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

REVENDA:  
RUA DA MADA-LENA, 128, 2.ª  
LISBOA



**AQUI JAZEM**  
TODOS OS DENTES  
que não têm sido lavados com  
**PASTA MEDICINAL Couto**

**PASTAS**  
Húmildes  
MEDICINAIS  
e capazes de destruírem os microbios da boca, se ha uma  
ENTÃO  
estomatites,  
mercuriais  
ou bismuticas  
TRATA  
Doráveis das  
carnadas  
Couto, L.ª - Porto  
L. 5. DOMINGOS - 106

**LUCINDA & INEZ, L.ª**  
ALTA - COSTURA

Visitem os nossos Ateliers onde estão expostas as últimas criações de

**VESTIDOS,  
CHAPEUS,  
LINGERIES  
E PELES.**

Rua de D. Estefânia, 117, 1.ª



Cór Tironc para cabelos pretos



Cór Douglas para cabelos louros ou claros

**CLIPER'S**  
Apresenta a brilhantina sólida para cavalheiros novidade em Portugal em  
**5 CÔRES**

A brilhantina usada pelos artistas de Cinema. Especialmente preparada para fotografia. FAÇA HOJE MESMO ESTA EXPERIENCIA. PENTEIE-SE COM A BRILHANTINA «CORREDOR» tradução portuguesa da marca de exportação

«CLIPER»  
e em seguida tire uma fotografia e veja como o penteado se destaca de uma forma especial

**INCOLOR**  
PARA TODOS OS CABELOS  
**BOIÃO 16\$00**

A venda em todas as boas casas



Cór Gable para cabelos castanhos



Cór Barrymore para cabelos brancos ou grisalhos

# ★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

## PALAVRAS CRUZADAS • XADREZ • CHARADAS

### PALAVRAS CRUZADAS

Para evitar que tenhamos de rejeitar alguns problemas enviados pelos nossos leitores, publicamos a seguir as regras principais que norteiam a sua aceitação, chamando para elas a atenção dos senhores cruzadistas.

1.º — Todos os problemas devem ser desenhados a tinta preta da China, sobre cartolina branca, papel vegetal ou quadriculado.

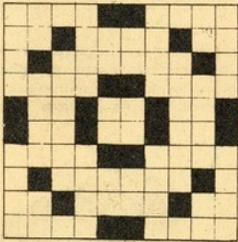
2.º — Acompanhando-os, remetê-los os seus autores o respectivo enunciado e um outro desenho, com a solução, feito com qualquer tinta;

3.º — Não aceitaremos problemas sem motivo de continuidade, e que apresentem uma escassa percentagem de cruzamentos, não devendo os seus desenhos exceder 12 quadrados, de lado.

4.º — As designações de tantas letras de, ou anagramas, serão motivos de recusa.

5.º — Todos os termos dos enunciados se deverão verificar em qualquer dos seguintes dicionários: Novíssimo dicionário de C. de Figueiredo; C. de Figueiredo (edição reduzida); Francisco Torrinha; Augusto Moreno (complementar) e Jaime de Séguier.

6.º — Toda a correspondência relativa a esta secção deverá ser endereçada ao seu director, Augusto Teixeira Marques, para a Rua Marques de Sá da Bandeira n.º 108, 3.º — Lisboa



**HORIZONTAIS:** 1 — Rio francês; cidade da Itália. 2 — Artigo definido (pl.); ligai; o mais. 3 — Leitões de criança. 4 — Vertebrado volátil com o corpo ordinariamente coberto de penas, bico córneo, e desdentado (pl.); mulher astuciosa. 5 — Avançar; rio de Itália; pronome pessoal. 6 — Outra coisa; indivíduos de grande valor e notoriedade; nota musical (inv.). 7 — Empunhar (p. us.); cóleras. 8 — Lenta. 9 — Catedral; pronome possessivo (pl.); transitar. 10 — Relva; adorna.

**VERTICAIS:** 1 — Coiro curtido de boi, para calçado, etc.; queime. 2 — Existe; caminhos; também. 3 — Cidade alemã. 4 — Ices; peleja. 5 — Progredir; parte mais larga da enxada; parte do navio que fica entre a pòpa e o mastro. 6 — Abreviatura de Antes de Cristo; Nome de letra (pl.); conjunção. 7 — Curso de água natural, mais ou menos caudaloso (pl.); Pronome demonstrativo. 8 — Adicionara. 9 — Tumor, também chamado arrieira; teia; prefixo de negação. 10 — Line; cura.

### CHARADAS

#### SINCOPADAS

1 — Ao impulso do Desejo deve-se opôr uma pensada resolução. 3-2.

Lérias (FL-TE)

2 — Nas ladeiras íngremes da Vida, só encontramos dificuldades. 3-2.

M.ª Lérias (TE)

#### PROTÉTICA

3 — O culto a Deus, é para o católico o seu espiritual orgulho. 3-4.

Lérias (FL-FE)

#### MEFISTOFÉLICA

4 — A Fé, pelo seu poder, sempre se justificará. (2-2) 3.

M.ª Lérias (TE)

### PARAGÓGICAS

- 5 — *Emprega a tua vida num trabalho.* 3-4.  
*Josilcar*  
 6 — *A amizade corresponde com amizade.* 3-4.  
*Frei António*  
 7 — *Trabalha para um fim útil, e terás alegria nesse trabalho.* 3-4.  
*Feng*  
 8 — *Anima os descrentes e praticarás um acto sublime.* 3-4.  
*Don Juan*

### DAMAS

#### ESPAÑHA — 1943

1.º Campeonato Regional Canário, de «Damas»

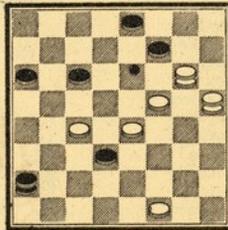
7.ª partida jogada entre Ramón Rodriguez (Brancas) e Eutiquiano Hernández (Pretas).

Brancas	Lances	Pretas
10-14	1.º	22-18
5-10	2.º	23-20
1-5	3.º	28-23
12-15	4.º	27-22
14-19	5.º	23-14
10-19	6.º	31-27
7-12	7.º	18-14
11-18	8.º	20-11
6-15	9.º	21-14
9-13	10.º	14-11
13-17	11.º	27-23
19-28	12.º	32-23
5-10	13.º	25-21
12-16	14.º	21-18
8-12	15.º	18-13
4-8	16.º	13-6
3-10	17.º	22-19
15-22	18.º	26-19
12-16	19.º	19-12
8-15	20.º	11-7
10-14	21.º	7-3
16-20	22.º	23-16
15-19	23.º	3-12

E as brancas abandonaram.

### PROBLEMA N.º 1

Por Francisco Henriques — Almeirim

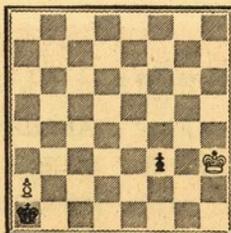


Jogam as brancas e ganham

### XADREZ

#### ESTUDOS — N.º 1

R. Roti

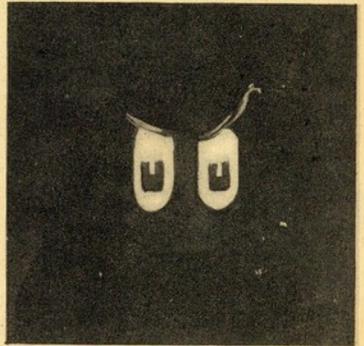


As brancas jogam e empatam

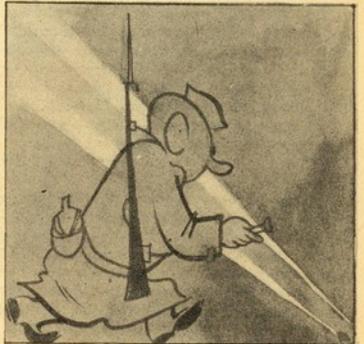
## VENTURA E A OCULTAÇÃO



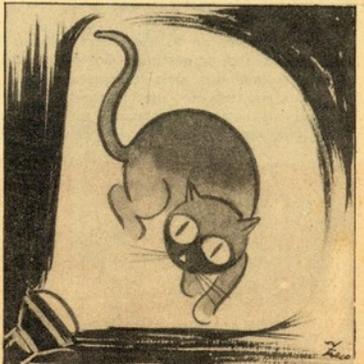
— Ora vamos lá a ver se todos cumprem!



— Que é aquilo?... Apaga a luz!



— Uns faróis tão intensos!... Faça alto!...



— Eu logo vi que aqui havia gato!...

# APONTAMENTO ROMANESCO

UMA NOVELA DE AUGUSTO DA COSTA  
PRÉMIO RICARDO MALHEIROS 1942

**E**RA um rapaz esperto, o Mortágua. Aparecera pouco antes na cidade, largamente aberta à imigração, sem dizer ao certo donde vinha; e todos os dias fazia a sua dupla vida, todos os dias se desdobrava em duas personagens inteiramente diferentes. De manhã, pelos bairros excêntricos da cidade, era o bufarinheiro vulgar, sem gravata, sem colarinho, mal vestido, mal calçado, de cêsto à ilhargia, apregoando «agulhas e alfinetes» a uma clientela pobre; à tarde, porém, na Praça Nova, era o janota impecável, com seus fatos feitos em Lisboa, seus colarinhos de goma sempre muito lustrosos, barbeado, e penteado e perfumado a rigor — e a conviver com os restantes janotas da cidade, frequentando com eles os mesmos «cafés» e namorando com eles as mesmas raparigas. Perfeito psicólogo, Mortágua não cometia o erro de aparecer de manhã pela Praça Nova com o cêsto da mercadoria à ilhargia: se o fizesse, sabia de ante-mão que os janotas da terra (aliás conhecedores do seu modo de vida) deixariam de ter por ele a consideração que tinham quando o viam simplesmente — janota. Tampouco cometia o erro, paralelo, de aparecer nos bairros excêntricos, à tarde, vestido tal como andava na Praça Nova: se a clientela o visse tão janotamente vestido, nunca mais acreditava na barateza dos seus produtos. Assim, Mortágua ia caminhando na vida de modo perfeitamente feliz — à sua maneira. Prosperava-lhe o negócio feito com gente pobre, e aumentava-lhe a consideração entre a «rapaziada fina»; e como, ainda por cima, era bastante económico (levá-lo a beber ou a pagar qualquer coisa aos amigos, era caso verdadeiramente sério...) Mortágua ia acumulando os capitais que mais tarde lhe permitiriam lançar-se em negócios de maior vulto. Mal sabia ler, e menos ainda escrever; alguns espiritos mais trocistas haviam-lhe dado «Barão das Linhas» por alcunha; ele, porém, pouco se importava com êstes «senões» e continuava a viver a sua vida, independente e honesta, feita à custa do trabalho próprio.

Mortágua, todavia, tinha as suas ambições sociais. Com os créditos, subiam-lhe as aspirações de ser recebido no principal «Clube» da terra. A pouco e pouco, foi deslocando o negócio do plano das agulhas e alfinetes, com gente pobre, para o plano dos vestidos e adôrnos a prestações, com gente burguesamente remediada. Ele próprio ia receber as contas a casa das clientes, Mandavam-no entrar para a sala de visitas e Mortágua instalava-se principescamente no principal sofá; depois, quando a dona da casa entrava, ele, sem se levantar do seu lugar, oferecia-lhe uma cadeira a seu lado:

— Sente-se, minha senhora, não faça cerimónia...

A dona da casa sentava-se. Discutiam ambos as contas — que Mortágua recebia ou não, conforme as circunstâncias de momento. Assim, a pouco e pouco, ia conhecendo as dificuldades de cada um; e justamente pelo que sabia do viver de tanta gente, não desculpava que o não deixassem entrar como sócio no «Clube» ou, pelo menos, frequentar as suas festas, para o que tinha chegado a mandar fazer «smokings».

— Não sei para que serve tanta tolice! — dizia Mortágua. — Os vestidos que elas levam são quasi todos meus...

Se não entrava no «Clube», nem por isso Mortágua deixava de frequentar todos os recintos públicos frequentados pela burguesia local. Nas «soirées elegantes» do cinema, à quinta-feira, por exemplo, lá estava ele sempre em lugar certo. Nas «verbenas» de caridade, em jardins públicos,

também Mortágua não faltava. E como tudo isto ocorria nas horas em que ele era homem elegante, vestido pelos melhores figurinos de Lisboa, não faltavam rapazes elegantes que o acompanhavam; e como as suas companhias, bem escolhidas eram credencial bastante, as próprias raparigas principiavam a reparar em Mortágua.

Tanto ele fez, tanto soube mostrar-se e valer-se, que veio a ter namôro com a filha mais velha do administrador do concelho. Morava ela numa quinta a dois passos da cidade, em sítio discreto e aprazível. A estrada, quasi deserta, não era zona de negócio para Mortágua; não havia perigo, portanto, de que Maria Alice o encontrasse por aquelas bandas, modestamente vestido e de cêsto enfiado no braço. Para Maria Alice, Mortágua era simplesmente representante de uma companhia de seguros; e como ele lhe mostrara um cartão de visita onde o seu nome aparecia aureolado por um braço, Maria Alice considerava-o sinceramente um dos últimos representantes da nobreza, obrigado por dificuldades familiares a lançar mão do trabalho para viver, como qualquer plebeu. E o romance de amor seguia placidamente, discretamente, como fio de água no Verão, por entre a relva macia... Maria Alice não era positivamente bonita, mas parecia boa rapariga; sobretudo, era educada e simpática. Entre as prendas da sua educação, contava-se o tocar muito bem piano. Mortágua, por seu lado, fora dos negócios, era profundamente romântico e adorava a música. De vez em quando, pedia-lhe:

— Toque-me um bocadinho de Chopin... Gosto tanto!

Ele pronunciava *Chôpião*, mas ela, apesar disso, fazia-lhe a vontade. Metia-se para dentro (morava num rés-do-chão), sentava-se ao piano, e tocava-lhe um *Nocturno* de Chopin. E quando voltava a debruçar-se ao parapeito da janela, raro era que não visse os olhos de Mortágua peçados de lágrimas, e não lhe ouvisse, por agradecimento:

— Muito obrigado, Maria Alice! Nem você calcula como me sinto feliz quando ouço Chopin...

Mortágua era sincero, quando se exprimia assim. Sentia realmente a música, talvez porque nela encontrasse a margem de sonho, o «pássaro azul» que a vida não lhe dava, recusando-se a satisfazer-lhe as suas aspirações sociais. O namôro com Maria Alice, que tão feliz o tornava, poderia ser a chave do seu paraizo — se ela não descobrisse a verdade da sua vida antes de comprometer-se pelo pedido

de casamento. Para Maria Alice, mais do que representante de uma companhia de seguros, Mortágua era um representante da nobreza brasonada. Ninguém a desiludira ainda; oxalá que nenhum invejoso se lembrasse de lhe desfazer a ilusão em que ela vivia!

Um dia, porém, o Destino decidiu desfazer a teia tão hábilmente tecida por Mortágua. Com a irmã mais nova, Maria Alice saiu de manhã para procurar, no bairro próximo, uma bordadeira que lhe havia sido recomendada por seus lavores. E foi a irmã mais nova, inocentemente, quem reconheceu, no bufarinheiro que se aproximava — Manuel Mortágua, namôro de Maria Alice.

— Parece ele!

— Isso sim!

— É!

— Não pode ser!

— É, não tenhas dúvidas!

Entretanto, ao longe, sentindo-se descoberto, Mortágua tomou o único partido que lhe pareceu airoso, metendo-se no portal de uma escada. Identificada a sua verdadeira profissão, e com ela a sua exacta posição social, não haveria dúvida — todos os lindos sonhos de Mortágua se desfariam, pulverizados como a onda de encontro ao rochedo. Passado, Mortágua esperava, ansioso, que o perigo desaparecesse; mas o perigo, em vez de desaparecer, foi ao encontro dele, sob a forma das duas irmãs... Maria Alice, não podendo suportar a dívida, quisera certificar-se pelos seus próprios olhos. As duas irmãs penetraram na mesma escada onde Mortágua se escondera. Ao reconhecê-lo, Maria Alice não teve palavras para pronunciar — mas só lágrimas, súbitas, indomáveis, para chorar. E foi Mortágua, já refeito da emoção, quem proferiu as palavras decisivas:

— Perdê-me, Maria Alice, o desgosto que lhe dei. Mas eu já sabia que a minha felicidade não poderia durar muito tempo. É este o meu ganhapão...

Baixou a cabeça e saiu, desaparecendo na primeira esquina, sem forças para apregoar a mercadoria que levava no cêsto. Na escada sombria, Maria Alice enxugava as lágrimas do seu amor ferido...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, L<sup>DA</sup>

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA

TELEFONE P. B. X. 2 5844